UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA DE POLÍTICA, ECONOMIA E NEGÓCIOS - EPPEN

EBENEZER ICHOLA EXAUCE BADA

e62326

https://doi.org/10.63026/acertte.v6i2.326

PRECARIZAÇÃO NO TRABALHO DOMÉSTICO: UMA INVESTIGAÇÃO ILUSTRADA POR MEIO DA ANÁLISE FÍLMICA DE 'QUE HORAS ELA VOLTA?'

Osasco
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA DE POLÍTICA, ECONOMIA E NEGÓCIOS - EPPEN

EBENEZER ICHOLA EXAUCE BADA

PRECARIZAÇÃO NO TRABALHO DOMÉSTICO: UMA INVESTIGAÇÃO ILUSTRADA POR MEIO DA ANÁLISE FÍLMICA DE 'QUE HORAS ELA VOLTA?'

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Administração da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios - EPPEN da Universidade Federal de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração, sob a orientação da Prof.ª Livre-Docente Nildes Raimunda Pitombo Leite.

Osasco
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ministério da Educação
Universidade Federal de São Paulo
Paulo *Campus* Osasco

ESCOLA PAULISTA DE POLÍTICA, ECONOMIA E NEGÓCIOS - EPPEN

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

EBENEZER ICHOLA EXAUCE BADA

PRECARIZAÇÃO NO TRABALHO DOMÉSTICO: UMA INVESTIGAÇÃO ILUSTRADA POR MEIO DA ANÁLISE FÍLMICA DE 'QUE HORAS ELA VOLTA?'

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios – EPPEN da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Data da aprovação:

17/12/2015

Banca Examinadora:

Profa. Livre-Docente Nildes Raimunda Pitombo Leite (Orientadora)
Universidade Federal de São Paulo – Campus Osasco

Prof. Dr. Marco Antonio Batista da Silva (Examinador)
Faculdade de Tecnologia de Guarulhos – FATEC Guarulhos

Prof. Dr. Emerson Gomes dos Santos - UNIFESP (Examinador)
Universidade Federal de São Paulo – Campus Osasco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Charles Bada e Rita Gnanhoui, cuja coragem e determinação sempre iluminaram meu caminho. Mesmo sem terem tido a oportunidade de concluir o ensino superior, foram eles que me ensinaram o valor da educação, da perseverança e da fé em dias melhores. A vocês, que acreditaram em mim quando eu mesmo duvidava, que me incentivaram a seguir adiante e que sonharam comigo essa conquista, dedico cada página deste TCC. Que ela seja também de vocês, que me mostraram que mudar de vida é possível quando há amor, dedicação e esperança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora, professora Nildes Raimunda Pitombo Leite, por seu amor, seu senso de dever e sua humanidade. Autora de 'O Amor como sustentáculo da facilitação do processo de ensino-aprendizagem', ela encarna, tanto em sua obra quanto em sua prática docente, um compromisso profundo com o cuidado e com a educação.

Sou especialmente grato pelo respeito, pela consideração e pela sensibilidade com que me acolheu enquanto estudante internacional não "o internacional" idealizado, mas o estudante vindo do chamado "terceiro mundo", da África, especificamente do *Benin*. Nada disso a impediu de conduzir este trabalho com a mesma rigorosidade, seriedade e amor dedicados a todos os seus alunos. Essa postura será para mim uma referência para a vida inteira.

Agradeço também a Yao Jean Pierre Beranger Kofi, irmão de coração e inspiração, que me mostrou, pela própria trajetória, que era possível estudar, persistir e conquistar um diploma pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, mesmo quando eu já não acreditava mais nessa possibilidade. Sem seu exemplo, talvez este trabalho não existisse.

Sou profundamente grato aos amigos e às pessoas que, de perto ou de longe, me apoiam nas orações, nas conversas, nos gestos de cuidado que sustentam a caminhada: Daniel Yedess, Júnior C., Malga M., Bruna Pereira e tantos outros que fazem parte da minha história.

Agradeço, com todo meu carinho, aos meus irmãos e irmãs: Sidoine, Merveille, Majoi e Happy, e à minha cunhada, Hortense, que sempre torceram por mim e celebram cada pequena vitória.

A todos vocês, meu reconhecimento, meu afeto e minha gratidão.

EPÍGRAFE

“O que perturba e move o coração não cabe no silêncio”.
Conceição Evaristo

RESUMO

Em um contexto de ampliação das desigualdades sociais e de reconfiguração das relações de poder no mundo do trabalho, a precarização do trabalho, especialmente no trabalho doméstico remunerado, permanece como um dos traços mais persistentes da vida social brasileira, combinando informalidade, desvalorização e hierarquias historicamente naturalizadas. Diante desse cenário, este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC investigou como a precarização no trabalho doméstico se expressa não apenas em termos econômicos e legais, mas também por meio de dimensões simbólicas, afetivas e espaciais que estruturam a experiência cotidiana do trabalho. Tomando o longa-metragem 'Que Horas Ela Volta?' (2015), dirigido por Anna Muylaert, como *lócus* observacional, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa orientada por um método fenomenológico de análise fílmica. Foram microanalisadas cinquenta cenas do filme, posteriormente organizadas em quatro categorias analíticas: (1) Precarização do Trabalho; (2) Precarização do Trabalho Doméstico; (3) Precarização das Relações Afetivas; e (4) Desigualdades Sociais e de Classe. Os resultados evidenciam que enquadramentos, gestos, silêncios, objetos e rotinas operam como recursos narrativos capazes de tornar visíveis formas explícitas e sutis de subordinação. A análise demonstra que a proximidade cotidiana entre as personagens não dissolve desigualdades; ao contrário, pode funcionar como dispositivo de legitimação de hierarquias, produzindo tensões recorrentes entre cuidado e limite, afeto e autoridade, intimidade e exclusão. Conclui-se que esse filme, ao articular dimensões estruturais da precarização do trabalho com sua manifestação vivida no interior do espaço doméstico, torna perceptíveis mecanismos de naturalização da exploração e contribui para compreender a complexidade da precarização no trabalho doméstico. Assim, a análise fílmica revelou-se uma estratégia metodológica potente para interpretar como desigualdades e relações de poder se reproduzem nas práticas mais ordinárias da vida cotidiana.

Palavras-Chave: Precarização do Trabalho. Precarização no Trabalho Doméstico. Desigualdades Sociais. Relações de Poder. Análise Fílmica.

ABSTRACT

In a context marked by the expansion of social inequalities and the reconfiguration of power relations in the world of work, labour precarisation, particularly in paid domestic work, remains one of the most persistent features of Brazilian social life, combining informality, social devaluation and historically naturalised hierarchies. In this context, this Undergraduate Final Project investigated how precarisation in domestic work is expressed not only in economic and legal terms, but also through symbolic, affective and spatial dimensions that structure everyday work experiences. Taking the feature film The Second Mother (Que Horas Ela Volta?, 2015), directed by Anna Muylaert, as an observational locus, this study adopted a qualitative approach guided by a phenomenological method of film analysis. Fifty scenes from the film were micro-analysed and subsequently organised into four analytical categories: (1) Labour Precarisation; (2) Precarisation of Domestic Work; (3) Precarisation of Affective Relations; and (4) Social and Class Inequalities. The results show that framing, gestures, silences, objects and routines operate as narrative resources capable of making both explicit and subtle forms of subordination visible. The analysis demonstrates that everyday proximity between characters does not dissolve inequalities; rather, it may function as a mechanism for legitimising hierarchies, producing recurring tensions between care and limits, affection and authority, intimacy and exclusion. It is concluded that the film, by articulating structural dimensions of labour precarisation with its lived manifestation within the domestic space, renders perceptible the mechanisms through which exploitation is naturalised and contributes to an understanding of the complexity of precarisation in domestic work. Thus, film analysis proves to be a powerful methodological strategy for interpreting how inequalities and power relations are reproduced in the most ordinary practices of everyday life.

Keywords: Labour Precarisation. Precarisation in Domestic Work. Social Inequalities. Power Relations. Film Analysis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Autores mobilizados e ideias centrais na Fundamentação Teórica
Quadro 2.1 – Síntese Geral das Microanálises Realizadas
Quadro 2.2 – Personagens tomados como Focos de Observação
Quadro 3 – Categoria (1): Precarização do Trabalho
Quadro 4 – Categoria (2): Precarização do Trabalho Doméstico
Quadro 5 – Categoria (3): Precarização das Relações Afetivas
Quadro 6 – Categoria (4): Desigualdades Social e de Classe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 Questão de Pesquisa 13
1.2 Objetivos 13
1.2.1 Objetivo Geral 13
1.2.2 Objetivos Específicos 13
1.3 Justificativas 14
1.4 Estrutura do TCC 15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 17
2.1 Precarização do Trabalho, Vulnerabilidade Social e suas expressões no Trabalho Doméstico 18
Quadro 1 – Autores mobilizados e ideias centrais na Fundamentação Teórica 24
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS 27
3.1 Abordagem de Pesquisa 28
3.2 Método de Pesquisa 29
3.3 Estratégia de Pesquisa 30
3.4 Estratégia de Coleta de Dados 31
3.5 Estratégia de Análise 32
3.6 Considerações Éticas da Pesquisa 35
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS 36
Quadro 2.2 – Personagens tomados como Focos de Observação 37
Quadro 3 – Categoria (1): Precarização do Trabalho 38
Quadro 4 – Categoria (2): Precarização do Trabalho Doméstico 43
Quadro 5 – Categoria (3): Precarização das Relações Afetivas 47
Quadro 6 – Categoria (4): Desigualdades Social e de Classe 50
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 67
REFERÊNCIAS 69
INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (ANEXO) 73

1 INTRODUÇÃO

A precarização no trabalho, quando observada dentro de um universo narrativo como o do filme ‘Que Horas Ela Volta?’, revela-se não apenas como um conjunto de condições laborais instáveis, mas como uma experiência vivida, sentida e representada em cada gesto, silêncio e deslocamento das personagens. O filme dirigido por Anna Muylaert (2015) funciona como um microcosmo, no qual relações de poder, dependência e desigualdade ganham forma concreta e, ao mesmo tempo, simbólica. Nesse espaço aparentemente doméstico e cotidiano, surgem perguntas inevitáveis: o que sustenta certas hierarquias que parecem naturais na convivência? Até que ponto a proximidade entre personagens encobre relações de subordinação? Como o filme faz o espectador perceber tensões que nem sempre são ditas, mas sempre estão lá?

Ao escolher esse filme como *lócus* de pesquisa, este estudo parte da premissa de que o filme é capaz de expor contradições de forma que o discurso direto não alcança. Uma bandeja servida, um quarto interditado, uma piscina que convida e, ao mesmo tempo exclui, compõem elementos visuais e narrativos que constroem um cenário no qual a precarização não é apenas falada, mas performada.

O estudo observacional em análise fílmica, portanto, permite investigar aquilo que está nas entrelinhas, as pequenas violências naturalizadas, os limites que organizam o espaço doméstico e o modo como a rotina de trabalho das personagens é moldada por expectativas, obrigações e renúncias que raramente são explicitadas.

Assim, este estudo observacional se dedica a compreender como o filme *lócus* apresenta e articula elementos que configuram a precarização do trabalho dentro de seu próprio universo ficcional. Mais do que descrever condições laborais, busca-se interpretar como a linguagem cinematográfica cria tensões, provoca desconforto e revela desigualdades afetivas e funcionais presentes nas interações entre personagens.

A investigação aqui proposta concentra-se, portanto, em descobrir o que esse filme *lócus* deixa ver e o que deixa sentir sobre trabalho, autoridade e pertencimento, conduzindo o leitor a questionar as bases simbólicas que sustentam essas relações.

1.1 Questão de Pesquisa

A questão central deste estudo, a partir da análise do filme *lócus* 'Que Horas Ela Volta?', foi formulada da seguinte maneira: Como a precarização do trabalho é representada nesse filme *lócus*?

1.2 Objetivos

O objetivo geral e os objetivos específicos foram delineados de modo a responder à questão acerca da precarização no trabalho no filme *lócus.*

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo foi investigar a precarização do trabalho no filme *lócus* 'Que Horas Ela Volta?'.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral, bem como contribuir para resposta à questão de pesquisa, os seguintes objetivos específicos foram delineados:

(1) Identificar os fatores socioeconômicos e estruturais que contribuem para a precarização do trabalho no filme *lócus*.

(2) Examinar como as relações de poder e classe social se apresentam no filme *lócus*.

(3) Identificar as linguagens fílmicas que ajudam a expor a precarização no trabalho doméstico no filme *lócus.*

(4) Analisar as linguagens fílmicas que ajudam a expor a precarização no trabalho doméstico no filme *lócus.*

1.3 Justificativas

A escolha do tema precarização do trabalho para análise do filme ‘Que Horas Ela Volta?’, vai além da relevância social e acadêmica da questão. Ela reflete, também, uma motivação pessoal profunda pela minha paixão por filmes e séries. Desde muito cedo, sempre me interessei pela forma como as produções audiovisuais têm o poder de transmitir mensagens complexas e subliminares que vão além da narrativa explícita.

A curiosidade sobre o que está por trás de cada cena, como, a escolha de enquadramentos, ângulos, diálogos e até silêncios, sempre foi um dos fatores que me incentivou a olhar para os filmes de uma maneira mais crítica. Não me limito a consumir o conteúdo de forma passiva, mas busco compreender as nuances sociais e psicológicas que os cineastas tentam expressar, muitas vezes de maneira implícita. Essa curiosidade levou-me a querer aprofundar minha compreensão sobre a estratégia de pesquisa, estudo observacional em análise fílmica, aplicando-a a um tema que também me interessa profundamente: a precarização do trabalho. O filme ‘Que Horas Ela Volta?’ ofereceu uma oportunidade única para explorar como a precarização das condições de trabalho pode ser representada de maneira subjetiva e impactante, oferecendo uma rica fonte de análise para quem deseja entender as dinâmicas de poder e relações sociais que envolvem trabalhadores em contextos de vulnerabilidade.

Além da motivação pessoal, há também um espaço significativo na literatura acadêmica para a contribuição deste estudo. A maioria das pesquisas sobre precarização do trabalho se concentra na análise de dados empíricos, abordando questões econômicas, legais e sociais. No entanto, existe uma lacuna importante quando se trata da análise qualitativa e interpretativa das representações audiovisuais sobre a precarização no trabalho. Embora essa estratégia de pesquisa tenha sido amplamente utilizada em contextos de educação e gestão, a sua aplicação para entender a precarização do trabalho, especificamente no Brasil, é ainda pouco explorada.

Assim, este estudo oferece uma nova perspectiva sobre o tema, destacando como o filme pode ser uma ferramenta poderosa para compreender e criticar as estruturas sociais e econômicas que sustentam a precarização no trabalho. Com isso, espera-se poder contribuir para preencher possível lacuna na literatura que busca entender a intersecção entre trabalho, desigualdade social e cultura visual.

Escolhi este filme não apenas por sua relevância sociocultural, mas pela maneira com que ele ilustra as complexas relações de classe no Brasil, especificamente nas condições de trabalho doméstico. Ao assistir ao filme, fui tomado por uma inquietação sobre como a subordinação e a desigualdade social se manifestam no ambiente de trabalho, especialmente no que diz respeito à figura da empregada doméstica. Ao considerá-lo como o filme *lócus*, pude observar que a personagem Val, ao tentar se inserir em um espaço que constantemente a limita, questiona o que significa estar subordinada a um sistema que naturaliza a exploração.

1.4 Estrutura do TCC

A organização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi concebida para garantir clareza analítica, coerência argumentativa e progressão lógica entre os capítulos. A estrutura adota um modelo sequencial que acompanha o percurso investigativo desde a formulação do problema até a consolidação das interpretações finais, articulando teoria, método e análise fílmica. Cada capítulo desempenha uma função específica dentro da construção do conhecimento, contribuindo de maneira integrada para o entendimento aprofundado da precarização do trabalho a partir do filme *lócus*.

O Capítulo 1 – Introdução apresenta o cenário que motivou o estudo, contextualizando a precarização do trabalho no Brasil e justificando a pertinência de utilizá-la como lente para a leitura do filme escolhido. Nesse capítulo, são delineados o objetivo geral, os objetivos específicos e a questão de pesquisa, assim como as justificativas acadêmicas, sociais e pessoais que fundamentam a escolha do tema. Também são introduzidas as bases conceituais iniciais e a contribuição esperada do estudo, situando-o no campo da Administração e das pesquisas qualitativas.

O Capítulo 2 – Fundamentação Teórica apresenta o arcabouço conceitual que sustenta a análise desenvolvida neste trabalho, concentrando-se na discussão sobre a precarização do trabalho e em suas expressões específicas no trabalho doméstico remunerado. Este capítulo mobiliza autores clássicos e contemporâneos que examinam as transformações estruturais das relações laborais, os processos de informalização, a fragilização de direitos e a produção de vulnerabilidades sociais, articulando essas dimensões às desigualdades de classe, gênero e raça

que historicamente marcam o trabalho doméstico no Brasil. Esse referencial teórico fornece os instrumentos analíticos necessários para compreender como relações de poder, hierarquias sociais e regimes simbólicos de valorização se manifestam no cotidiano do trabalho doméstico, criando as bases interpretativas para a análise empírica desenvolvida nos capítulos subsequentes.

O Capítulo 3 – Aspectos Metodológicos detalha o percurso investigativo adotado, fundamentado na abordagem qualitativa e no método fenomenológico. Explica-se a escolha do filme como lócus analítico, apresenta-se o protocolo de observação utilizado para a coleta dos dados visuais e narrativos, e descrevem-se os procedimentos empregados para a microanálise das cenas. O capítulo também explicita os critérios de rigor, consistência e ética observados na condução da pesquisa.

O Capítulo 4 – Apresentação e Análise dos Dados Obtidos expõe a sistematização do material coletado, a partir da leitura minuciosa das cinquenta cenas mapeadas e das vinte selecionadas para compor o *corpus* final do estudo. Nesse capítulo, são apresentadas as categorias analíticas construídas, acompanhadas de suas respectivas cenas, descrições e interpretações, revelando as camadas simbólicas que estruturam a precarização do trabalho no filme. A análise se organiza de modo a evidenciar como enquadramentos, gestos, objetos, espaços e interações compõem significados que se articulam ao tema investigado.

O Capítulo 5 – Discussão dos Resultados integra os achados empíricos às referências teóricas, promovendo o diálogo entre o que foi observado no filme e os conceitos discutidos na literatura. A discussão aprofunda a compreensão das dinâmicas de precarização evidenciadas no *corpus*, situando-as em um contexto social mais amplo e evidenciando como elementos aparentemente banais das cenas carregam sinais de desigualdade estrutural, hierarquias simbólicas e formas sutis de subordinação.

O Capítulo 6 – Considerações Finais retoma o objetivo geral e avalia em que medida ele foi alcançado, sintetiza as principais contribuições do estudo e aponta seus limites e implicações teóricas, práticas e sociais. Também propõe possibilidades para futuras pesquisas que possam ampliar ou aprofundar as reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste Trabalho de Conclusão de Curso está centrada na discussão sobre a precarização do trabalho, com ênfase em suas expressões específicas no trabalho doméstico remunerado. O referencial teórico mobilizado articula autores clássicos e contemporâneos que analisam as transformações estruturais do trabalho, os processos de desregulamentação e informalização das relações laborais e a produção de vulnerabilidades sociais em contextos marcados por profundas desigualdades, como Castel (2003), Antunes (2002, 2009, 2018), Pochmann (2001), Tavares, M. J. (2014) e Tavares, M. A. (2014).

No contexto brasileiro, a precarização do trabalho manifesta-se de forma particularmente intensa no trabalho doméstico remunerado, atividade historicamente marcada pela informalidade, pela desvalorização social e pela intersecção entre gênero, raça e classe. Nesse ponto de vista, o trabalho dialoga com contribuições que evidenciam o caráter estruturalmente desigual dessa ocupação, destacando sua centralidade na organização da vida cotidiana e, simultaneamente, sua invisibilização social (SAFFIOTI, 1987; BRITES, 2007; SARTI, 2004; SABINO; ABÍLIO, 2019; SOUZA, 2019).

De modo complementar, este estudo incorpora reflexões que permitem compreender o trabalho doméstico para além de sua dimensão estritamente econômica, considerando também seus aspectos simbólicos, relacionais e culturais. Autores como Appadurai (1986) e Miller (2010) contribuem para a compreensão dos regimes de valor e das práticas cotidianas que organizam o espaço doméstico, possibilitando interpretar como determinadas atividades são naturalizadas, hierarquizadas e desigualmente valorizadas no interior da vida social.

Além disso, dialoga-se com a literatura organizacional recente, em especial com o trabalho de Da Silva e Leite (2023), que analisa o trabalho doméstico sob perspectivas não metafórica e metafórica, utilizando o filme ‘Que Horas Ela Volta?’ como lócus observacional. As autoras demonstram que o trabalho doméstico no Brasil é atravessado por relações complexas entre gênero, raça, classe, invisibilidade e responsabilidade ampliada, apresentando elevados índices de informalidade (72,2% segundo a PNAD 2019) e sendo exercido predominantemente por mulheres (73,1%), majoritariamente negras (68%).

Esse conjunto teórico sustenta a análise desenvolvida ao longo do trabalho, permitindo compreender a precarização no trabalho doméstico como um fenômeno multidimensional, que articula transformações econômicas, desigualdades estruturais e regimes simbólicos de valorização. A partir desse referencial, o *lócus* é tomado como objeto empírico capaz de revelar, em nível narrativo e simbólico, as tensões, contradições e mecanismos sociais que estruturam o trabalho doméstico na sociedade brasileira.

2.1 Precarização do Trabalho, Vulnerabilidade Social e suas expressões no Trabalho Doméstico

A precarização do trabalho refere-se a um conjunto de transformações estruturais que resultam na deterioração das condições laborais, manifestando-se por meio da informalidade, da instabilidade contratual, da fragilização de direitos e da ampliação das assimetrias de poder entre trabalhadores e empregadores. Conforme analisado por Castel (2003), a precarização emerge quando os vínculos de proteção associados ao trabalho assalariado se enfraquecem, expondo os indivíduos a trajetórias marcadas pela insegurança econômica e pela vulnerabilidade social. Trata-se, portanto, de um fenômeno que não se limita à esfera do emprego, mas afeta diretamente as condições de vida, o acesso a direitos sociais e a possibilidade de inserção estável na sociedade.

No contexto de economias globalizadas e orientadas por políticas neoliberais, a precarização do trabalho deixa de constituir uma situação excepcional e passa a ocupar posição central na organização das relações laborais. A flexibilização das normas trabalhistas, a ampliação de formas contratuais atípicas e a expansão do trabalho informal contribuem para a consolidação de um mercado de trabalho segmentado, no qual a instabilidade e a insegurança tornam-se experiências recorrentes.

Nesse cenário, a precarização não se distribui de maneira homogênea, incidindo de forma mais intensa sobre grupos historicamente vulnerabilizados, como mulheres, populações negras e trabalhadores inseridos em ocupações socialmente desvalorizadas. Essa precarização manifesta-se, sobretudo, na fusão entre vida pessoal e vida laboral. Tavares, M. J. (2014) apontou que a ocupação doméstica no Brasil opera por meio de fronteiras instáveis, pois a

trabalhadora está, simultaneamente, no espaço de trabalho e no espaço de moradia, dificultando qualquer separação entre descanso e responsabilidades.

No Brasil, esse processo manifesta-se de forma particularmente evidente em setores informais e subcontratados, entre os quais se destaca o trabalho doméstico remunerado. De acordo com Tavares, M. A. (2014), embora tenham ocorrido avanços legais voltados à regulamentação dessa atividade, a profissionalização do trabalho doméstico ainda enfrenta resistências profundas, relacionadas à persistente invisibilidade social e ao estigma historicamente associado à profissão. Essas resistências dificultam a consolidação de vínculos formais de trabalho e contribuem para a manutenção de condições laborais marcadas pela informalidade, pela sobrecarga de tarefas e pela baixa remuneração.

Além disso, como destacaram Camarano e Pinheiro (2023), o trabalho doméstico remunerado desempenha papel central na organização cotidiana das famílias urbanas, viabilizando a inserção de outros membros no mercado de trabalho e sustentando a reprodução da vida social. No entanto, essa centralidade convive com um paradoxo: ao mesmo tempo em que é indispensável, o trabalho doméstico permanece amplamente invisibilizado e desvalorizado. Essa contradição reforça sua condição precária, uma vez que a importância social da atividade não se traduz em reconhecimento simbólico, econômico ou institucional.

Nessa lógica, a precarização do trabalho doméstico não pode ser compreendida apenas como resultado da informalidade ou da ausência de direitos trabalhistas, mas como expressão de um processo mais amplo de hierarquização social do trabalho. Trata-se de uma ocupação situada em um ponto de convergência entre desigualdades de classe, gênero e raça, nas quais a desvalorização histórica do trabalho doméstico contribui para a naturalização de condições precárias. Assim, a precarização no trabalho doméstico revela-se como uma dimensão específica da precarização do trabalho em geral, marcada por formas intensificadas de vulnerabilidade e por mecanismos simbólicos que dificultam sua problematização social.

A compreensão da precarização no trabalho doméstico exige o diálogo com diferentes tradições teóricas que analisam, de forma articulada, transformações estruturais do trabalho, desigualdades sociais e regimes simbólicos de valorização e desvalorização das atividades laborais. Nesse sentido, Antunes (2018) propôs que a precarização deixe de ser compreendida

como uma condição periférica ou transitória do mercado de trabalho e passe a ser entendida como um elemento estrutural do capitalismo contemporâneo. Para esse autor, a expansão do trabalho informal, instável e desprovido de direitos não representa uma anomalia, mas sim uma forma funcional de reorganização da exploração do trabalho. No caso do trabalho doméstico, essa lógica se expressa de maneira intensificada, uma vez que se trata de uma atividade historicamente excluída dos sistemas formais de proteção social e atravessada por marcadores de gênero, classe e raça.

A contribuição de Hochschild (1983), desde então permitiu aprofundar a compreensão das dimensões afetivas que atravessam o trabalho doméstico, ao introduzir o conceito de trabalho emocional. Para essa autora, determinadas ocupações exigem a gestão contínua das emoções, de modo a produzir sentimentos socialmente desejáveis nos outros. No trabalho doméstico, essa dimensão assume particular relevância, uma vez que cordialidade, paciência e disponibilidade emocional passam a ser implicitamente exigidas como parte do desempenho profissional. Essa exigência contribui para a naturalização da precarização, pois o vínculo afetivo tende a obscurecer a relação contratual e a dificultar a reivindicação de direitos.

Essa leitura estrutural dialoga com a contribuição de Pochmann (2001), que analisou a precarização como resultado direto das transformações do mercado de trabalho brasileiro no contexto de reestruturação produtiva e avanço das políticas neoliberais. Esse autor mostrou que a ampliação do desemprego, do subemprego e da informalidade produziu uma segmentação profunda da força de trabalho, relegando determinados grupos sociais a ocupações marcadas pela instabilidade permanente. O trabalho doméstico remunerado insere-se nesse cenário, como uma das principais formas de absorção de mão de obra feminina em contextos de exclusão do mercado formal, consolidando-se como espaço privilegiado de precarização estrutural.

Essa leitura pode ser aprofundada pela noção de intimidade assimétrica desenvolvida por Kofes (2001), que analisou relações marcadas por intensa proximidade cotidiana e profunda desigualdade social. No trabalho doméstico, a convivência no espaço da casa produz uma intimidade que não elimina, mas reforça hierarquias de classe e posições desiguais. A assimetria manifesta-se no fato de que a trabalhadora participa da vida privada da família empregadora sem, contudo, acessar as mesmas formas de pertencimento, autonomia ou reconhecimento. Essa configuração encontra ressonância nos trabalhos de Sarti (2004), que analisou o espaço

doméstico como um campo simbólico de produção de sentidos, identidades e hierarquias. Essa autora demonstrou que a casa não constitui apenas um espaço privado, mas um território no qual se estruturam relações de poder, pertencimento e exclusão. No trabalho doméstico, essas dinâmicas se manifestam de forma intensa, uma vez que a trabalhadora ocupa simultaneamente uma posição de presença cotidiana e de não pertencimento.

Ao deslocar o olhar para as dimensões simbólicas e culturais dessas relações, Appadurai (1986) contribuiu para compreender como determinadas atividades passam a ocupar posições hierarquizadas nos sistemas sociais de valor. Embora o autor não tenha tratado diretamente do trabalho doméstico, sua abordagem permite interpretar a desvalorização dessa atividade como resultado de processos sociais que definem o que é considerado trabalho legítimo, produtivo e digno de reconhecimento. No contexto do trabalho doméstico essa lógica opera, ao naturalizar a associação entre cuidado, serviço e obrigação feminina, retirando dessas atividades seu estatuto pleno de trabalho. Essa perspectiva pode ser complementada com base em Miller (2010), ao analisar o cotidiano doméstico como um espaço central da vida social, no qual práticas, objetos e rotinas produzem e reproduzem desigualdades, contribuindo para a manutenção de hierarquias sociais no interior da vida cotidiana.

Essa perspectiva, ainda, pode ser aprofundada tomando-se como referência Saffioti (1987), cuja análise feminista evidencia que o trabalho doméstico está no centro da articulação entre patriarcado e capitalismo. Para essa autora, a desvalorização do trabalho doméstico não é acidental, mas estrutural, pois sustenta a reprodução da força de trabalho e a manutenção das desigualdades de gênero. Quando remunerado, esse trabalho carrega consigo a herança simbólica da subalternidade feminina, sendo frequentemente realizado em condições precárias, com baixos salários e ausência de direitos. Essa leitura é central para o presente estudo, pois permite compreender que a precarização no trabalho doméstico não se limita à esfera econômica, mas envolve mecanismos históricos de dominação e invisibilização.

A análise da precarização no trabalho doméstico também pode ser aprofundada a partir da contribuição de Federici (2019), ao compreender o trabalho reprodutivo como um elemento estrutural da acumulação capitalista. Para essa autora, atividades historicamente atribuídas às mulheres como o cuidado, a limpeza e a manutenção da vida cotidiana foram sistematicamente invisibilizadas e excluídas do reconhecimento econômico, apesar de sua centralidade para a

reprodução da força de trabalho. Essa invisibilização não é acidental, mas parte constitutiva de um modelo social que se beneficia da desvalorização do trabalho doméstico, mantendo-o fora das esferas formais de proteção e remuneração. No caso do trabalho doméstico remunerado, essa lógica se manifesta de forma paradoxal: embora o trabalho seja pago, ele continua sendo socialmente percebido como extensão ‘natural’ das responsabilidades femininas, o que contribui para a legitimação de condições precárias e para a dificuldade de reconhecimento pleno de direitos trabalhistas.

A dimensão relacional e afetiva do trabalho doméstico foi analisada de forma aprofundada por Brites (2007), que destacou a ambiguidade constitutiva dessas relações. Segundo essa autora, o espaço doméstico produz vínculos que oscilam entre proximidade afetiva e hierarquia social, gerando tensões constantes entre reconhecimento simbólico e subordinação material. Essa ambiguidade contribui para a naturalização da precarização, uma vez que relações marcadas por confiança, intimidade e lealdade tendem a enfraquecer reivindicações formais de direitos trabalhistas. Essa contribuição é particularmente relevante para a análise do filme ‘Que Horas Ela Volta?’, no qual a afetividade aparece como um dos principais dispositivos de manutenção das desigualdades.

A abordagem de Miller (2010) amplia essa discussão, ao analisar o cotidiano doméstico como um espaço central da vida social, em que objetos, práticas e rotinas carregam significados profundos. Embora seu foco não seja o trabalho doméstico remunerado, sua contribuição permite compreender como o cotidiano da casa se torna um cenário privilegiado para a reprodução de desigualdades sociais. No contexto deste estudo, essa perspectiva auxilia a leitura dos elementos materiais e simbólicos presentes na narrativa fílmica, como os espaços da casa, os objetos de uso cotidiano e as fronteiras implícitas entre patrões e empregada.

A perspectiva de Hirata (2016) contribuiu para explicitar o caráter interseccional da precarização no trabalho doméstico, ao apontar para o fato de que o trabalho de cuidado é estruturado simultaneamente por relações de gênero, raça e classe. Essa autora evidenciou que mulheres, especialmente negras e de origem popular, ocupam de forma desproporcional as posições mais precarizadas no setor do cuidado, tanto no trabalho doméstico quanto em outras atividades relacionadas à reprodução social. Essa abordagem permite compreender que a precarização no trabalho doméstico não resulta apenas de condições econômicas desfavoráveis,

mas de um sistema de hierarquias sociais que distribui desigualmente tarefas, responsabilidades e oportunidades, reproduzindo desigualdades históricas no interior do mercado de trabalho.

Mais recentemente Souza (2019) contribuiu ao enfatizar o papel das desigualdades estruturais na reprodução da precarização, destacando como classe social, origem e posição social moldam oportunidades e trajetórias individuais. Essa perspectiva permite compreender o trabalho doméstico como uma ocupação socialmente destinada a determinados grupos, reforçando ciclos de desigualdade que se reproduzem ao longo do tempo.

De igual modo, Sabino e Abílio (2019) analisaram o trabalho doméstico a partir das transformações contemporâneas do mundo do trabalho, destacando o aprofundamento da informalidade, a intensificação das jornadas e a fragmentação das relações laborais. As autoras evidenciaram que, mesmo após os avanços legais, o trabalho doméstico permanece marcado por elevados índices de precarização, com forte resistência à formalização plena. Essa análise pode ser fundamental para situar o filme *lócus* em um contexto social mais amplo, no qual a precariedade não é exceção, mas condição recorrente.

No campo da Administração, Da Silva e Leite (2023) contribuíram para esse debate, ao analisar o trabalho doméstico a partir de perspectivas não metafórica e metafórica, utilizando o filme ‘Que Horas Ela Volta?’ como *lócus* observacional. Essas autoras mostram que o trabalho doméstico, além de desempenhar funções centrais na organização da vida cotidiana, é marcado por elevada informalidade, sobreposição de tarefas e ampliação das responsabilidades atribuídas às trabalhadoras. Ao articular gênero, raça e classe, esse estudo evidenciou como a precarização do trabalho doméstico se expressa, tanto em dimensões materiais quanto simbólicas, reforçando sua pertinência como objeto de análise no campo dos estudos organizacionais. Essa contribuição dialoga diretamente com o presente trabalho, ao legitimar o uso do filme como *lócus* de pesquisa e o estudo observacional em análise fílmica como estratégia de pesquisa para a compreensão de fenômenos sociais complexos relacionados ao trabalho.

Para além das condições materiais e das relações afetivas, a precarização no trabalho doméstico é sustentada por mecanismos simbólicos que contribuem para a naturalização das hierarquias sociais. Esses mecanismos operam de forma difusa e cotidiana, moldando

percepções, expectativas e disposições dos sujeitos envolvidos nas relações de trabalho. A incorporação das contribuições de Bourdieu (1998; 1999) permite aprofundar a compreensão dos mecanismos simbólicos que sustentam a precarização no trabalho doméstico. A noção de dominação simbólica evidencia como relações de desigualdade são incorporadas como disposições naturalizadas, operando de modo sutil e frequentemente invisível. Por meio do *habitus,* as hierarquias sociais são internalizadas, tanto por aqueles que ocupam posições dominantes quanto por aqueles situados em posições subordinadas, contribuindo para a reprodução das desigualdades sem necessidade de coerção explícita. No contexto do trabalho doméstico, essa dinâmica ajuda a explicar porque determinadas formas de subordinação são percebidas como 'normais' ou 'naturais', dificultando sua problematização social e política. O Quadro 1 condensa as principais ideias dos autores que respaldaram este capítulo.

Quadro 1 – Autores mobilizados e ideias centrais na Fundamentação Teórica

Autor(es)	Ideia central	Contribuição para o TCC
Hochschild (1983)	Trabalho emocional	Contribui para compreender a gestão das emoções como parte constitutiva do trabalho doméstico, obscurecendo relações contratuais, limites profissionais e direitos trabalhistas.
Appadurai (1986)	Regimes sociais de valor	Permite compreender a hierarquização simbólica das atividades laborais e os processos sociais que definem o que é considerado trabalho legítimo ou desvalorizado.
Saffioti (1987)	Dominação de gênero e classe	Explica o trabalho doméstico como eixo central da articulação entre patriarcado e capitalismo, sustentando desigualdades estruturais e a desvalorização histórica dessa ocupação.
Bourdieu (1998; 1999)	Dominação simbólica e *habitus*	Fundamenta a compreensão da naturalização das hierarquias sociais e da reprodução simbólica da precarização no cotidiano, especialmente no espaço doméstico.

Pochmann (2001)	Reestruturação produtiva e informalidade	Contextualiza a precarização no mercado de trabalho brasileiro, destacando a segmentação laboral e a absorção de mão de obra feminina em ocupações precárias.
Kofes (2001)	Intimidade assimétrica	Refina a análise das relações domésticas ao evidenciar a coexistência entre proximidade cotidiana e profunda desigualdade social entre patroas e trabalhadoras.
Antunes (2002; 2009; 2018)	Nova morfologia do trabalho e precarização ampliada	Sustenta a compreensão da precarização como elemento estrutural do capitalismo contemporâneo, intensificada em ocupações historicamente desvalorizadas, como o trabalho doméstico.
Castel (2003)	Insegurança social e vulnerabilidade estrutural	Fundamenta o conceito de precarização do trabalho como erosão das proteções sociais e ampliação da vulnerabilidade para além do emprego formal.
Sarti (2004)	Espaço doméstico como território simbólico	Interpreta a casa como espaço de produção de hierarquias, pertencimento e exclusão, fundamentais para entender o trabalho doméstico.
Brites (2007)	Ambiguidade afetiva e precarização relacional	Analisa as relações de proximidade e subordinação no trabalho doméstico, destacando a naturalização da precarização por meio do afeto.
Miller (2010)	Cotidiano e materialidade	Analisa o cotidiano doméstico como espaço de reprodução de desigualdades por meio de práticas, objetos e rotinas.
Tavares, M. J. (2014)	Trabalho doméstico, gênero e precarização	Contribui para a compreensão do trabalho doméstico como atividade marcada por desigualdades de gênero, informalidade e precarização, enfatizando seus impactos sociais e laborais.

Tavares, M. A. (2014)	Invisibilidade e resistência à profissionalização do trabalho doméstico	Analisa os limites da formalização do trabalho doméstico no Brasil, evidenciando o estigma social e a persistência da informalidade.
Hirata (2016)	Interseccionalidade no trabalho de cuidado	Explicita a articulação entre gênero, raça e classe na organização e precarização do trabalho doméstico.
Federici (2019)	Trabalho reprodutivo invisível	Amplia a análise ao situar o trabalho doméstico como fundamento histórico da acumulação capitalista e da reprodução da força de trabalho.
Sabino & Abílio (2019)	Intensificação do trabalho e informalidade contemporânea	Atualiza o debate ao evidenciar a persistência da precarização no trabalho doméstico, mesmo após avanços legais.
Souza (2019)	Reprodução das desigualdades sociais	Contribui para compreender o trabalho doméstico como ocupação socialmente destinada a grupos específicos, reforçando ciclos de desigualdade.
Da Silva & Leite (2023)	Trabalho doméstico sob perspectivas metafórica e não metafórica	Articula o debate teórico ao objeto empírico, utilizando o filme '*Que Horas Ela Volta?'* como *lócus* observacional.

O diálogo entre esses autores permitiu compreender a precarização no trabalho doméstico como um fenômeno multidimensional, que articula transformações econômicas, hierarquias sociais, regimes simbólicos de valor e relações afetivas. Ao mobilizar contribuições que discutem precarização, trabalho reprodutivo, afetividade, interseccionalidade e dominação simbólica, este trabalho constrói uma base analítica capaz de sustentar a leitura do filme 'Que Horas Ela Volta?' como uma representação crítica das desigualdades estruturais que atravessam o trabalho doméstico no Brasil. Esse referencial teórico orienta a análise empírica desenvolvida nos capítulos seguintes, permitindo interpretar as relações retratadas nesse filme como expressões de processos sociais mais amplos.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Os aspectos aqui contidos foram fundamentais, pois permitiram observar as condições de trabalho retratadas na obra cinematográfica utilizada como *lócus* e compreender como esse filme refletiu tensões sociais e estruturais que historicamente contribuem para a precarização do trabalho doméstico no país. Esses aspectos são aqui apresentados nos tópicos (3.1), (3.2), (3.3), (3.4) e (3.5). Ademais, no tópico (3.6) encontram-se as considerações éticas da pesquisa.

3.1 Abordagem de Pesquisa

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, interpretativa e exploratória, voltada à compreensão profunda das representações simbólicas da precarização do trabalho no filme 'Que Horas Ela Volta?'. Essa escolha metodológica mostrou-se coerente com a proposta de análise fílmica em Administração, desenvolvida por Leite *et al*. (2022), que compreendem o filme como um espaço privilegiado para a observação de dinâmicas organizacionais, subjetividades e relações de poder.

Segundo Flick (2002), a abordagem qualitativa permite captar as múltiplas dimensões simbólicas, culturais e afetivas dos fenômenos sociais. No caso desta pesquisa, trata-se de acessar os significados implícitos nas interações entre os personagens, em seus gestos, diálogos, silêncios e posicionamentos visuais, os quais constituíram um campo de observação sensível e reflexivo sobre o trabalho precário, representando metaforicamente o contexto do trabalho doméstico brasileiro.

Além disso, a abordagem qualitativa articula-se de forma direta com a perspectiva fenomenológica adotada no estudo, aproximando-se da compreensão proposta por Husserl (1931) e Giorgi (2009), segundo a qual os fenômenos devem ser entendidos a partir das experiências vividas e dos sentidos a eles atribuídos em contextos concretos. Assim, as cenas do filme *lócus* foram interpretadas, não apenas enquanto narrativa ficcional, mas como construções simbólicas capazes de revelar experiências sociais partilhadas no Brasil contemporâneo, especialmente aquelas relacionadas à precarização, desigualdade e subordinação nas relações de trabalho.

3.2 Método de Pesquisa

A metodologia adotada neste estudo fundamentou-se na compreensão de que todo percurso investigativo exige rigor, clareza e precisão na definição dos caminhos científicos a serem seguidos. Como destacaram Zanella (2009), Michaliszyn e Tomasini (2008) e Vergara (2012), o delineamento metodológico deve explicitar detalhadamente as ações empreendidas ao longo da pesquisa, assegurando coerência entre os objetivos pretendidos e os instrumentos utilizados. Neste aspecto, a escolha do filme como objeto empírico dialoga com Champoux (1999 *apud* LEITE *et al*., 2022), para quem obras cinematográficas de forte apelo narrativo e estético representam recursos valiosos para a investigação qualitativa, pois condensam experiências humanas, símbolos sociais e tensões organizacionais em formatos visualmente acessíveis.

O método de pesquisa adotado foi o fenomenológico, em razão de sua capacidade de apreender os sentidos atribuídos às experiências humanas, mesmo quando mediadas por representações simbólicas, como ocorre no filme. A fenomenologia, conforme proposta por Husserl (1931) e aprofundada por Giorgi (2009), pressupõe a suspensão de julgamentos prévios (*epoché*) com o objetivo de descrever os fenômenos em sua essência, tal como se apresentam à consciência. Trata-se, portanto, de uma postura que busca deixar que o fenômeno "fale", antes de encaixá-lo em categorias rígidas.

Neste estudo, a aplicação do método fenomenológico ocorreu de maneira indireta: a experiência de precarização do trabalho foi acessada por meio das representações presentes no filme *lócus*, tomando-se as cenas como construções simbólicas capazes de traduzir experiências sociais concretas vividas por trabalhadores em contextos de subordinação e desigualdade. Segundo Moreira (2004), esse método é particularmente adequado quando se busca interpretar a realidade tal como ela é percebida, sentida e narrada por sujeitos inseridos em contextos específicos, ainda que mediada por narrativas ficcionais.

Essa perspectiva foi reforçada por Leite *et al*. (2022), ao argumentarem que a análise fílmica aplicada à Administração permite captar nuances subjetivas, emocionais e simbólicas das relações organizacionais. Para esses autores, a linguagem cinematográfica constitui uma via legítima de apreensão de fenômenos sociais, especialmente quando articulada à abordagem

qualitativa e ao método fenomenológico, pois revela aspectos sutis das interações humanas, da gestão simbólica e das estruturas hierárquicas.

A fenomenologia, nesse contexto, ofereceu um caminho metodológico coerente para observar e interpretar as manifestações da precarização do trabalho no filme. O foco recaiu sobre a forma como o fenômeno se expressou, por meio dos gestos dos personagens, dos enquadramentos de câmera, dos silêncios, dos contrastes espaciais e das tensões narrativas. Para operacionalizar esse olhar, utilizou-se o Protocolo de Observações para o processo de coleta e análise fílmica, desenvolvido por Leite e Leite (2012), que sistematiza a observação de aspectos estéticos e narrativos, com potencial analítico para o campo da Administração.

Inspirando-se em Gil (2009) e Silva (2006), este estudo assumiu a necessidade de um plano interpretativo que servisse como guia de todo o percurso analítico. Por esse ângulo, o Protocolo de Observações funcionou como dispositivo metodológico central, articulando o método fenomenológico à estratégia de pesquisa voltada à análise fílmica e garantindo que a leitura das cenas permanecesse ancorada em evidências imagéticas, sonoras e narrativas, e não apenas em impressões subjetivas do pesquisador.

3.3 Estratégia de Pesquisa

A estratégia de pesquisa adotada neste trabalho consistiu em um estudo observacional em análise fílmica, conforme proposto por Leite *et al*. (2022), que conceberam o filme como uma ferramenta metodológica potente para a investigação qualitativa de fenômenos organizacionais e sociais. Essa perspectiva parte da premissa de que os filmes, enquanto artefatos culturais, condensam valores, normas, contradições e tensões que atravessam a vida social, podendo ser analisados como documentos visuais simbólicos dotados de significado e relevância analítica. No contexto deste estudo, essa estratégia de pesquisa foi aplicada ao filme ‘Que Horas Ela Volta?’, assumido como *lócus* narrativo e simbólico para a análise da precarização do trabalho.

Conforme argumentado por Leite *et al*. (2021), a análise fílmica se mostrou particularmente eficaz para identificar como as representações visuais podem refletir, problematizar e criticar condições sociais e trabalhistas. Assim, o estudo baseou-se em uma

investigação observacional detalhada das cenas, apoiada na microanálise proposta por Leite *et al*. (2022), que facilitou a identificação de elementos narrativos e visuais associados a desigualdades estruturais, conforme também apontado por Bordwell e Thompson (2013). Essa abordagem se justificou pela compreensão de que o filme opera por meio de múltiplas camadas de sentido não apenas por meio dos diálogos, mas também por intermédio de silêncios, enquadramentos, gestos, iluminação e organização espacial. Como destacaram Bordwell e Thompson (2013), a linguagem cinematográfica possui um potencial narrativo autônomo, que ultrapassa o roteiro verbal e carrega significados organizados, espacial e temporalmente, tornando-se essencial para a leitura crítica das estruturas sociais representadas.

A análise fílmica, nesse contexto, foi guiada pelo entendimento de que o filme pode ser um espelho simbólico das realidades social e organizacional. Segundo Leite *et al*. (2022), filmes comerciais podem ser lidos como metáforas interpretativas das estruturas sociais, evidenciando a gestão da alteridade, os limites simbólicos entre classes e modos pelos quais o trabalho é representado, regulado ou negado nas relações humanas.

3.4 Estratégia de Coleta de Dados

A estratégia coleta de dados com base na observação, desenvolveu-se sob o respaldo da microanálise, por meio de instrumento elaborado por Leite e Leite (2012) e posteriormente revisitado por Leite *et al*. (2022), que consiste no exame rigoroso de cada cena, identificando elementos narrativos, visuais e simbólicos, capazes de comunicar dinâmicas de subordinação, relações de gestão, desigualdades de classe e processos de invisibilização social.

Neste estudo, a coleta de dados também foi realizada por meio de uma análise crítica e sistemática do filme *lócus* ‘Que Horas Ela Volta?’, pela sua capacidade de representar, de forma sensível e realista, as dinâmicas contemporâneas de precarização do trabalho e de desigualdade social no Brasil. Também, essa estratégia de coleta consistiu na observação sistemática desse filme sob registros feitos nesse instrumento concebido para orientar pesquisas qualitativas que demandam microanálises rigorosas de cenas de obras cinematográficas.

Esse protocolo (LEITE & LEITE, 2012), organiza as observações em diferentes campos interdependentes, permitindo registrar, de forma sistemática, tanto dados diretamente

observáveis ações, gestos, deslocamentos, configurações espaciais e elementos da *mise-en-scène*, quanto sentidos indiretos sugeridos pela narrativa, tais como tensões simbólicas, relações implícitas de poder, contrastes afetivos e nuances fenomenológicas, identificadas ao longo das visualizações. Tal protocolo também contempla o exame detalhado dos recursos estéticos da obra, incluindo fotografia, iluminação, paleta de cores, planos, movimentos de câmera, sonoridades e composição visual, elementos que, conforme destacaram Bordwell e Thompson (2013), constituem dimensões fundamentais para a construção de significados e para a articulação de relações de classe, autoridade e dominação simbólica.

Além disso, incorpora campos específicos para a identificação dos construtos teóricos emergentes e previamente definidos, assegurando o ajuste entre a coleta de dados e a categorização analítica. A observação concentrou-se em fatores socioeconômicos e estruturais que contribuem para a precarização do trabalho no filme, incluindo: (a) formas de exploração e limitações de direitos; (b) dinâmicas de poder e hierarquia entre empregadores e trabalhadores; (c) linguagens fílmicas que expõem desigualdades, tais como uso do espaço, distância entre personagens, movimentos de câmera e ambientação sonora.

Após a conclusão da coleta, as observações foram sistematizadas, constituindo uma matriz analítica preliminar. Essa matriz correspondeu à etapa de ordenar as cenas, identificar padrões iniciais, relacionar elementos fílmicos aos construtos teóricos e estruturar os dados brutos de forma a subsidiar o processo de análise. Essa preparação foi fundamental para as etapas seguintes de pré-seleção e seleção das cenas.

3.5 Estratégia de Análise

O estudo observacional em análise fílmica constitui-se uma estratégia de pesquisa apropriada para examinar como o filme utiliza recursos visuais e narrativos para comunicar e representar fenômenos sociais complexos (LEITE *et al*., 2021; LEITE *et al*., 2022). Ademais, conforme discutido por Miranda, Rodrigues (2018) e Barros (2017 *apud* LEITE *et al*., 2022), o uso do filme como metáfora organizacional ofereceu um espaço lúdico e reflexivo, capaz de transportar o espectador para universos distintos de sua experiência cotidiana, ampliando a compreensão das dinâmicas simbólicas e afetivas presentes nas relações de trabalho.

A precarização do trabalho, conceito central desta pesquisa, foi discutida na literatura de Administração, com destaque para Antunes (2009; 2018), Brites, (2007) Castel (2003), Pochmann (2001), Sabino e Abílio, (2019). Esses autores analisaram como a desregulamentação e a instabilidade das condições laborais impactam negativamente a vida dos trabalhadores, evidenciando uma estratificação social profundamente enraizada.

O filme 'Que Horas Ela Volta?' (MUYLAERT, 2015), serviu como lócus da pesquisa desenvolvida neste trabalho, permitindo explorar as dinâmicas sociais e laborais relacionadas à precarização do trabalho. Essa compreensão dialoga com Espinal (1976 *apud* LEITE *et al.*, p.34, 2022), para quem "todo filme, na medida em que chega a certo nível de sinceridade artística, participa do mistério da pessoa que o realizou", ressaltando que a obra cinematográfica expressa, de maneira sensível, conflitos estruturais e subjetivos associados à precarização.

A pesquisa desenvolvida buscou compreender como as dinâmicas de classe e as relações de poder foram representadas no filme e de que modo essas representações podem contribuir para a reflexão sobre as condições de trabalho no Brasil. A escolha por Muylaert (2015) revelou-se pertinente porque essa diretora utilizou uma linguagem cinematográfica capaz de traduzir, de forma simbólica e metafórica, as condições de subordinação enfrentadas por trabalhadores, aspecto que converge com o conceito de capital simbólico (BOURDIEU, 1998).

O conceito sobre análise fílmica construído por Leite *et al*., (2022, p. 33) foi assim apresentado: "a análise fílmica no campo da Administração é a possibilidade de se olhar metaforicamente para organizações, instituições de ensino e as relações existentes entre os diversos agentes, visando à manutenção da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, por meio da criação e/ou disseminação de conhecimentos, haja vista a sedimentação do entendimento de que filmes ou séries compartilham elementos da vida real". A pesquisa realizada neste estudo observacional em análise fílmica não se limitou a refletir sobre a precarização no contexto do trabalho doméstico, mas buscou compreender como o filme pode servir como instrumento pedagógico e analítico no campo da Administração, permitindo observar analogamente as manifestações das relações de poder e de classe nos ambientes de trabalho.

Para subsidiar a estratégia de análise adotou-se uma categorização mista, conforme respaldado por Vergara (2012), integrando categorias previamente estabelecidas (*a priori*) e categorias emergentes do próprio material (*a posteriori*): Categoria (1) Precarização do Trabalho *(a priori).* Durante a microanálise das cenas, emergiram três categorias adicionais, derivadas da interpretação dos elementos narrativos, simbólicos, afetivos e estruturais presentes no filme: Categoria (2) Precarização do Trabalho Doméstico; Categoria (3) Precarização das Relações Afetivas; Categoria (4) Desigualdades Social e de Classe. Esse conjunto de procedimentos consolidou o *corpus* analítico utilizado no 'Capítulo Apresentação e Análise dos Dados Obtidos', para fins de rigor metodológico e coerência com os objetivos da pesquisa.

Adicionalmente, a estratégia de análise adotada estruturou-se em duas modalidades complementares: (1) a análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), e (2) a análise crítica fundamentada em Bourdieu (1998), Adorno (2003) e Weber (1978). Essa articulação das duas modalidades permitiu que a interpretação abrangesse, tanto os elementos explícitos da obra cinematográfica, quanto as camadas simbólicas mais profundas que estruturam as relações sociais e organizacionais retratadas nessa obra.

Na primeira modalidade, a análise de conteúdo foi empregada como técnica sistemática de interpretação das comunicações simbólicas que, de acordo com Bardin (1977), possibilita identificar categorias, temas e padrões de sentido. Assim, foram examinados diálogos, cenografia, *mise-en-scène*, iluminação, enquadramentos e montagem, de modo a extrair núcleos temáticos relacionados à subordinação, exclusão, desigualdade estrutural, ausência de direitos e restrições de mobilidade social, dimensões essenciais para compreender os elementos de precarização do trabalho doméstico evidenciados pela narrativa.

Paralelamente, a segunda modalidade, a análise crítica possibilitou alcançar significados simbólicos e estruturais subjacentes às cenas. Inspirada em Bourdieu (1998), essa leitura permitiu compreender como capitais simbólicos, *habitus* e estruturas sociais se tornaram visíveis nas interações entre patrões e empregados, nos limites impostos aos personagens e nas reações às tentativas de transgressão das fronteiras sociais. Do mesmo modo, a perspectiva da indústria cultural (ADORNO, 2003) permitiu observar como o filme, mesmo enquanto produto inscrito na lógica capitalista, funcionou como instrumento de crítica social, desvelando tensões e desigualdades naturalizadas no cotidiano. Ambas as modalidades de análises dialogaram,

ainda, com Weber (1978), especialmente no que se refere às formas de dominação e autoridade, presentes nas dinâmicas sociais representadas no *lócus*.

A proposta metodológica de Leite *et al*. (2022) foi fundamental nessa estratégia, uma vez que os autores concebem a análise fílmica como um exercício de desvelamento das múltiplas camadas simbólicas que estruturam o mundo do trabalho. Para esses autores, o filme pode funcionar como metáfora organizacional, permitindo investigar criticamente configurações de poder, subordinação, resistência e desigualdade, inclusive em contextos não corporativos formais, como o trabalho doméstico.

Além do que, a aplicação do Protocolo de Observações (LEITE & LEITE, 2012), ofereceu suporte técnico para a sistematização requerida na interpretação rigorosa dos dados, ao orientar as múltiplas visualizações das cenas, ao recomendar que a análise se apoiasse em evidências extraídas das imagens, sons e gestos presentes no filme e, ao contribuir para a redução da interferência de impressões subjetivas, em prol do rigor metodológico.

Dessa forma, a estratégia de análise integrou o potencial narrativo do filme, com a profundidade crítica da teoria social, permitindo compreender como essa obra cinematográfica representou, tencionou e problematizou as formas contemporâneas de precarização do trabalho no Brasil, especialmente no âmbito do trabalho doméstico, espaço em que, afeto, subordinação, invisibilidade e desigualdade se entrecruzam de maneira particularmente sensível.

3.6 Considerações Éticas da Pesquisa

Este estudo seguiu as diretrizes éticas estabelecidas para a pesquisa acadêmica, respeitando os direitos autorais do filme ‘Que Horas Ela Volta?’ e garantindo que a coleta, e a análise dos dados, subsídios para a discussão dos resultados, fossem conduzidas de forma ética e responsável. Houve o compromisso de respeitar as representações culturais e sociais presentes, tanto na obra cinematográfica quanto na literatura utilizada. O uso do material fílmico como fonte de dados exigiu uma abordagem ética rigorosa, reforçando a necessidade de que as interpretações considerassem a dignidade das representações retratadas e observassem integralmente os limites legais relacionados aos direitos autorais.

O estudo respeitou os princípios éticos da pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas, conforme orientado por Leite *et al*. (2022), para quem a análise fílmica em Administração demanda não apenas rigor técnico, mas também sensibilidade ética diante dos temas abordados. Assim, buscou-se evitar interpretações que pudessem reforçar estigmas, distorcer sentidos ou descontextualizar simbolismos fundamentais dessa obra cinematográfica. A ética interpretativa constituiu, portanto, um princípio orientador central deste trabalho, comprometido com o respeito às representações culturais e à dignidade das experiências sociais evocadas pelo filme.

Ademais, por não envolver diretamente seres humanos em sua etapa empírica, mas sim uma obra audiovisual previamente publicizada, o projeto deste estudo enquadrou-se como de risco mínimo, tendo sido submetido às orientações oriundas do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) para fins de registro e validação institucional. Ainda assim, a natureza simbólica e representacional do objeto investigado exigiu cuidados éticos específicos. A utilização do filme *lócus* demandou responsabilidade quanto à interpretação das imagens, discursos e representações sociais envolvidas. As análises foram conduzidas a partir de uma postura crítica, porém respeitosa, considerando especialmente a representação de mulheres, trabalhadoras domésticas e relações de classe no Brasil, evitando generalizações que pudessem desvirtuar o sentido originário da obra.

Concomitantemente, foram respeitados os direitos autorais do filme analisado, que foi citado formalmente conforme as normas acadêmicas e utilizado exclusivamente para fins educacionais e científicos. Nenhum trecho dessa obra foi reproduzido fora dos limites legais permitidos para análise crítica com finalidade educacional. Por fim, contextualiza-se, no que tange ao cumprimento dos aspectos éticos deste TCC e, de acordo com as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de São Paulo que: (1) “pelo Art. 8º, os projetos de pesquisa que não envolverem seres humanos, direta e indiretamente, nem animais vertebrados vivos, momentaneamente estão dispensados de cadastro no CEP, até que o sistema de registro seja reativado”; (2) “pelo parágrafo único para os casos previstos no caput, será exigida Declaração de Responsabilidade assinada pela Prof.ª Orientadora, pelo(a) Discente e pela Diretora Acadêmica do Campus Osasco, declaração essa depositada, juntamente com o projeto final, em 25 de Julho de 2025, no Departamento Acadêmico de Administração, dando-se por cumpridos tais aspectos, a partir da obtenção da resposta desse departamento, dentro do período determinado.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Este capítulo apresenta o conjunto de dados obtidos a partir da análise fílmica do filme *lócus*, articulando os resultados ao percurso metodológico anteriormente descrito. Após a aplicação integral do Protocolo de Observações, cada cena foi microanalisada segundo seus elementos narrativos, visuais, simbólicos e fenomenológicos. Ao retomar o objetivo geral, qual seja o de investigar a precarização do trabalho no filme *lócus*, este capítulo sistematiza a organização dos dados obtidos, em quadros e subseções, permitindo visualizar, tanto o percurso de seleção das cenas para este TCC, quanto o papel analítico de cada uma delas no interior dessas quatro categorias estabelecidas. A sistematização obtida, antes e, ao longo da coleta, permitiu estabelecer quatro categorias que estruturaram a análise: (1) Precarização do Trabalho (categoria previamente definida); (2) Precarização no Trabalho Doméstico; (3) Precarização das Relações Afetivas e (4) Desigualdades Social e de Classe (essas três últimas categorias, emergiram da leitura minuciosa do filme).

A análise aqui apresentada apoia-se diretamente nas cenas identificadas como mais operantes para o fenômeno investigado, considerando não apenas a presença explícita dos temas, mas também a força simbólica dos enquadramentos, gestos, silêncios, disposições espaciais e relações de poder inscritas na linguagem visual.

A escolha final dessas cenas foi guiada por um processo em duas etapas. Na primeira, realizou-se uma pré-seleção, na qual foram reunidas as cenas que apresentavam algum vínculo com essas quatro categorias analíticas, seja por pertinência temática, simbólica ou narrativa. Essa etapa teve caráter abrangente e buscou preservar a complexidade interpretativa do *corpus*, evitando a eliminação prematura de material relevante. Na segunda etapa, procedeu-se à seleção final, compondo-se o conjunto de 20 cenas que constituem esse *corpus* analítico, com base em significância e pertinência para resposta à questão de pesquisa e consecução do objetivo geral.

Assim, como pode ocorrer em estudos observacionais em análise fílmica, algumas cenas aparecem simultaneamente em categorias diferentes, pois seus elementos narrativos e visuais se incorporam em mais de uma proposição temática. Esse fenômeno é coerente com a adoção de uma categorização mista, na qual uma mesma cena pode ser mobilizada para iluminar diferentes dimensões do fenômeno pesquisado. Neste caso, como os temas dessas quatro

categorias se entrelaçam, ao longo do filme, significa que determinadas cenas aparecem em mais de uma categoria, evidenciando a sobreposição natural dos fenômenos representados, retornando, portanto, em mais de um quadro. Nos Quadros 2.1 e 2.2, apresenta-se o panorama geral do estudo observacional em análise fílmica deste TCC.

Filme *lócus* analisado: 'Que Horas Ela Volta?'				
Duração Total do Filme: 112 minutos				
Total de cenas microanalisadas: 50				
Total de cenas selecionadas para o TCC: 20				
Composição do Tempo Investido	**Tempo Total**	Sem interrupção para escolha do lócus	Com interrupção para coleta e microanálises	Sem interrupção para confirmação do *lócus*
Tempo Investido/Etapa	**1.561** minutos	224 minutos	1.225 minutos	112 minutos

Quadro 2.1 – Síntese Geral das Microanálises Realizadas

Por meio de uma leitura microanalisada das cinquenta (50) cenas mapeadas, envolvendo enquadramentos, interações e elementos visuais, buscou-se mapear a composição do tempo investido neste estudo observacional em análise fílmica com esse *lócus*, no qual possivelmente seriam evidenciadas desigualdades estruturais que sugerem metaforicamente as formas como se organizam relações entre trabalhadoras domésticas e famílias empregadoras no Brasil.

Quadro 2.2 – Personagens tomados como Focos de Observação

Personagem	**Caracterização Sintética**
Val	Trabalhadora doméstica que habita o espaço de trabalho.
Jéssica	Filha de Val, tenciona limites de classe ao desafiar hierarquias.
Bárbara	Empregadora, personifica normas simbólicas e sociais do lar.
Carlos	Empregador, ambiguidades entre privilégio e cordialidade hierárquica.
Fabinho	Filho dos empregadores, vínculo afetivo com Val.
José	Motorista, funcionário terceirizado

Fonte: Protocolo de Observações (2025)

Com base nas cenas pré-selecionadas, foram selecionadas vinte (20) cenas que melhor sintetizam as expressões do fenômeno investigado nesse filme *lócus*. Essa delimitação resultou da identificação daquelas que, em conjunto, oferecem maior densidade analítica, com base nos

seis personagens escolhidos como focos de observação para compreender as dinâmicas relacionadas à precarização do trabalho.

Os Quadros 3 a 6, reúnem o conjunto de cenas atribuídas a cada categoria e constituem a base empírica para as análises desenvolvidas ao longo deste capítulo. A organização adotada permite observar, de forma sistemática, como as diferentes expressões da precarização são construídas nessa obra cinematográfica. Entretanto, cada quadro será tratado individualmente em sua respectiva categoria.

A Categoria (1) Precarização do Trabalho, abrange 14 cenas que evidenciam vínculos frágeis, ausência de proteção, ampliação indevida das funções e naturalização da subordinação. A seleção das Cenas associadas a essa categoria: 4, 6, 7, 12, 15, 17, 18, 22, 24, 26, 29, 31, 34 e 49, seguiu o procedimento de categorização, articulado às microanálises, em que a precariedade se expressa por ações cotidianas, sobrecarga e ausência de limites laborais.

Quadro 3 – Categoria (1): Precarização do Trabalho

Cena Nº	Duração (Início – Fim)	Descrição
4	06:38 – 07:00 (00:22)	Val tira as sandálias, entra descalça no quarto de Fabinho, limpa o espaço e avisa sobre o horário ao patrão.
6	08:00 – 08:48 (00:48)	Val recolhe louça na sala de jantar, se desculpa pela comida, confirma bebida e lembra ao patrão sobre sua medicação.
7	08:49 – 09:34 (00:45)	Val serve comida aos colegas diaristas, permanece de pé, enquanto eles comem sentados e pedem mais comida.
12	14:17 – 15:25 (01:08)	Val se arruma para sair na sua folga, dona Bárbara que está se exercitando questiona se está tudo em ordem na casa para ela sair, e solicita a ela chegar mais cedo na segunda. Val tenta falar mas a empregadora se despede dela e volta a se exercitar colocando seus fones de ouvido, Val se estressa com o cachorro logo em seguida e vai embora.
15	16:57 – 20:40 (03:43)	Val entrega um presente de aniversário à patroa, durante entrevista, pede permissão para hospedar a filha, mas é interrompida por ligação.
17	23:25 – 24:44 (01:19)	Val circula pela festa servindo aperitivos sozinha, atendendo aos convidados continuamente.
18	24:44 – 25:25 (00:41)	Val organiza as taças, é puxada pela patroa para a cozinha e impedida de usar o conjunto que lhe havia presenteado.
22	32:00 – 35:27 (03:27)	A família da patroa (Bárbara) acabou de jantar, solicita que Val retire os pratos da mesa. Aproveita para pedir-lhe que convide sua filha para se apresentar.

24	37:01 – 39:00 (01:59)	Val serve comida na área dos empregados, permanece de pé, responde a pedidos e organiza utensílios.
26	41:01 – 46:00 (04:59)	Bárbara chega à cozinha de manhã, não encontra Val, vai até o quarto procurar por ela. Ao voltar para a cozinha, encontra Jessica no espaço, a quem ela pergunta sobre o paradeiro da mãe.
29	53:17 – 56:39 (03:22)	Val observa Jéssica sentada à mesa com o patrão, servindo-lhes alimentos e monitorando discretamente o ambiente.
31	57:46 – 59:30 (01:44)	Jéssica sugere que a mãe sirva um pouco de sorvete para elas antes de levar aos patrões.
34	1:06:00 – 1:10:00 (04:00)	Val prepara café, serve à patroa e atende pedidos simultâneos, enquanto Jéssica confronta normas da casa.
49	1:42:51 – 1:48:30 (05:39)	Val arruma suas coisas, deixa o quarto dos fundos e encerra suas atividades, antes de partir.

A precarização do trabalho no filme *lócus* se manifesta como uma camada estrutural da vida de Val, moldando não apenas sua rotina laboral, mas a forma como ela ocupa os espaços, regula seus gestos e organiza suas relações. Não se trata apenas de sobrecarga ou ausência de direitos formais, mas de uma lógica de servidão naturalizada, em que limites entre trabalho e vida pessoal se diluem e a trabalhadora se torna parte do funcionamento da casa, sempre disponível, sempre silenciosa, sempre contornando fronteiras que não pode atravessar.

Essa precarização aparece de forma incisiva na Cena **4**, quando Val tira as sandálias para entrar no quarto do filho dos patrões e realiza a limpeza descalça. Seu corpo traduz uma separação simbólica: há espaços aos quais ela só tem acesso na condição de quem limpa, não de quem pertence. Ao bater à porta para avisar a hora ao patrão, funciona como despertador humano, reforçando como até tarefas triviais são mediadas por ela, em posição de disponibilidade contínua.

Tal precarização se aprofunda na Cena **6**, na qual Val recolhe os pratos, enquanto o patrão permanece sentado. Ao perceber que ele não comeu tudo, ela se desculpa pela própria comida e, antes de servir a bebida desejada, confirma se ele tomou a medicação. As tarefas ultrapassam a limpeza e a cozinha: envolve uma empregada monitorando a saúde do empregador. A antecipação das necessidades do patrão revela internalização das responsabilidades e Val age como se cuidar do bem-estar dele fosse parte essencial de sua identidade profissional.

Esse pensamento permanece na relação com outros trabalhadores na Cena **7**, em que Val serve a refeição aos diaristas, enquanto permanece de pé, sem comer. A disposição espacial dos colegas sentados à mesa e Val servindo, reforça que, mesmo entre trabalhadores, a hierarquia se reproduz. Seu papel não é o convívio, mas a manutenção do serviço.

A dificuldade de exercer autonomia sobre o próprio tempo emerge na Cena **12**. Pronta para sair de folga, Val tenta comunicar um recado, mas a patroa a interrompe para fazer verificações sobre a casa e exigir que ela volte mais cedo. Ao colocar fones de ouvido e seguir seu treino, essa patroa nega a Val a possibilidade de concluir a frase. Mesmo fora do horário, a trabalhadora continua subordinada à vigilância e às demandas da empregadora e a folga, que deveria ser direito, acontece apenas se validada pela patroa.

Na Cena **15**, essa assimetria se revela na própria voz de Val. Durante a entrevista da patroa, ela tenta entregar o presente de aniversário e pedir que a filha possa ficar alguns dias na casa. O pedido, feito em tom hesitante e no intervalo de um evento alheio, é interrompido por uma ligação do marido da patroa. Val precisa literalmente correr atrás dela para terminar sua fala. Sua legitimidade discursiva, mesmo ao tratar da própria filha, aparece sempre frágil, cerceada por prioridades externas.

A sobrecarga se evidencia novamente na Cena **17**, quando Val serve sozinha os aperitivos de uma festa que demandaria uma equipe maior. O contraste entre o ambiente de celebração: música, conversas, circulação de convidados e a figura de Val em movimento contínuo expõe a força de trabalho invisível que sustenta o lazer dos outros. Sua presença é essencial, mas nunca reconhecida.

Essa mesma lógica atravessa a Cena **18**, quando a patroa a retira da área de circulação para adverti-la sobre o uso das taças de presente. As taças que Val mesma deu continuam submetidas ao controle simbólico da família. O gesto de retirá-las de suas mãos marca a impossibilidade de a empregada envolver seus gostos em objetos associados a prestígio, evidenciando a dimensão material e simbólica da precarização.

A relação entre trabalho e família se torna mais explícita na Cena **22**, quando Val recolhe os pratos após o jantar e os patrões pedem que chame Jéssica para se apresentar. A recepção, marcada por perguntas incisivas sobre os planos da jovem para o vestibular da FAU-USP, ocorre enquanto Val segue indo e vindo da cozinha, visivelmente exausta. Jéssica não é tratada como convidada, mas como extensão do espaço de serviço ocupado pela mãe, e o próprio movimento de Val reforça a hierarquia que atravessa as duas.

Essa dinâmica espacial se acentua na Cena **24**, no quarto de hóspedes. Jéssica identifica o espaço como adequado para estudar e viver temporariamente, e o patrão chega a apoiar a ideia. Val, porém, tenta desfazer o pedido da filha, expressando medo de ultrapassar um limite implícito. Quando a patroa entra e recebe a informação de que Jéssica ficará naquele quarto, seu "tá bom", dito com expressão contrariada, restabelece a fronteira: certos espaços permanecem reservados. Val, mesmo percebendo a injustiça, segue internalizando a lógica que separa 'seu lugar' do 'lugar dos patrões'.

Essa hierarquia toma forma concreta na Cena **26**, marcada por um conflito na cozinha. Val chega atrasada, pede desculpas e repreende a filha por sentar-se à mesa dos patrões, ainda que tenha sido convidada. Jéssica questiona a lógica de comer de pé, e o embate revela duas gerações sob pressões distintas: uma que aprendeu a obedecer para sobreviver, e outra que rejeita a posição de subalternidade. A frase de Val para sua filha, "chame ela de Dona Bárbara", sintetiza a necessidade de reforçar a hierarquia para evitar rupturas.

O simbolismo do sorvete reaparece na Cena **29**, quando Jéssica almoça com o patrão na sala principal e Val os observa da penumbra da cozinha. O pedido para servir sorvete à própria filha expõe o desconforto da mãe diante da inversão de papéis: ao insistir em chamar o sorvete de "do Fabinho", mesmo quando o patrão afirma que é da casa, Val tenta resguardar a ordem que sempre pautou sua vida laboral.

Essa atitude retorna na Cena **31**, em que Jéssica sugere que a mãe sirva um pouco de sorvete para elas antes de levar aos patrões. Val recusa, explicando que 'poder comer é só por educação, mas espera-se que se diga não'. A trabalhadora Val conhece profundamente o código simbólico que regula a casa, um código que ela precisa transmitir à filha. Ao buscar outro pote

e dizer “esse é o nosso”, tenta criar um espaço mínimo de autonomia, sem enfrentar diretamente a hierarquia, à qual ela se subordina.

O conflito explode fora da casa na Cena **34**, quando Jéssica questiona a mãe sobre a origem das regras que ela segue, e Val responde: “Você já nasce sabendo.” A frase sintetiza a interiorização da precarização como destino: uma lógica apreendida pela vivência, não necessariamente por imposição formal. A tentativa de alugar uma casa simples, apoiada por Jéssica, contrasta com a cautela de Val, para quem sair do emprego significa risco concreto.

A precarização atinge seu ponto crítico na Cena **49**, quando Val finalmente comunica seu pedido de demissão. A patroa, surpresa, busca explicações que se encaixem na lógica da casa: fofocas, conflitos, aumento. Mas Val responde com serenidade que precisa cuidar da filha. Essa cena, marcada por silêncio e firmeza, sintetiza um processo lento de tomada de consciência. Depois de anos vivendo entre limites invisíveis, ela reivindica a possibilidade de decidir sua própria trajetória.

Em conjunto, essas quatorze cenas, nessa categoria, evidenciam que a precarização no trabalho não se limita à sobrecarga material, mas constitui um sistema de normas implícitas que atravessam corpos, vínculos e espaços. Val se movimenta entre demandas que parecem infindáveis, expectativas que ela mesma passou a antecipar e fronteiras que regulam espaços nos quais pode estar, como pode falar e o que pode desejar. Seu pedido de demissão não resolve todas as desigualdades, mas representa um ponto de inflexão: sua recusa em permanecer totalmente absorvida por um trabalho que, durante anos, ditou sua existência.

A Categoria (2) Precarização do Trabalho Doméstico contempla as Cenas 1, 4, 6, 7, 10, 12, 15, 17, 18, 21, 22, 26, 29, 31 e 33, evidenciando as condições específicas do trabalho doméstico remunerado: acesso restrito aos espaços, invisibilidade, responsabilização contínua e fusão entre vida pessoal e laboral. Essas 15 cenas foram identificadas a partir de elementos estruturais da ocupação doméstica, representando metaforicamente o contexto brasileiro.

Quadro 4 – Categoria (2): Precarização do Trabalho Doméstico

Cena Nº	Duração (Início – Fim)	Descrição
1	02:28 – 04:31 (02:03)	Val cuida do menino na piscina, recusa seu convite para nadar e fala com a filha ao telefone, enquanto vigia a criança.
4	06:38 – 07:00 (00:22)	Val tira as sandálias, entra descalça no quarto de Fabinho, limpa o espaço e avisa sobre o horário ao patrão.
6	08:00 – 08:48 (00:48)	Val recolhe louça na sala de jantar, se desculpa pela comida, confirma bebida e lembra ao patrão sobre sua medicação.
7	08:49 – 09:34 (00:45)	Val serve comida aos colegas diaristas, permanece de pé, enquanto eles comem sentados e pedem mais comida.
10	12:11 – 12:22 (00:11)	Val niña Fabinho nos braços, embalando o menino de forma cuidadosa.
12	14:17 – 15:25 (01:08)	Val se arruma para sair na sua folga, dona Bárbara que está se exercitando questiona se está tudo em ordem na casa para ela sair, e solicita a ela chegar mais cedo na segunda. Val tenta falar mas a empregadora se despede dela e volta a se exercitar colocando seus fones de ouvido, Val se estressa com o cachorro logo em seguida e vai embora.
15	16:57 – 20:40 (03:43)	Val entrega um presente de aniversário à patroa, durante entrevista, pede permissão para hospedar a filha, mas é interrompida por ligação.
17	23:25 – 24:44 (01:19)	Val circula pela festa servindo aperitivos sozinha, atendendo aos convidados continuamente.
18	24:44 – 25:25 (00:41)	Val organiza as taças, é puxada pela patroa para a cozinha e impedida de usar o conjunto que lhe havia presenteado.
21	30:30 – 32:00 (01:30)	Val faz o tour do quarto dela para filha Jéssica, ao chegarem à residência dos patrões.
22	32:00 – 35:27 (03:27)	A família da patroa (Bárbara) acabou de jantar, solicita que Val retire os pratos da mesa. Aproveita para pedir-lhe que convide sua filha para se apresentar.
26	41:01 – 46:00 (04:59)	Bárbara chega à cozinha de manhã, não encontra Val, vai até o quarto procurar por ela. Ao voltar para a cozinha, encontra Jessica no espaço, a quem ela pergunta sobre o paradeiro da mãe.
29	53:17 – 56:39 (03:22)	Val observa Jéssica sentada à mesa com o patrão, servindo-lhes alimentos e monitorando discretamente o ambiente.
31	57:46 – 59:30 (01:44)	Jéssica sugere que a mãe sirva um pouco de sorvete para elas antes de levar aos patrões.
33	1:02:30 – 1:06:00 (03:30)	Jéssica entra na piscina, empurrada por Fabinho e seu amigo. Os três interagem e se divertem.

A precarização do trabalho doméstico no filme emerge, não apenas como condição laboral, mas como estrutura que organiza tempos, espaços e relações dentro da casa. As cenas associadas a esta categoria revelam um sistema de funcionamento que depende das

disponibilidades física, emocional e simbólica da trabalhadora, cujo corpo e cuja presença são absorvidos pela rotina da família. A precarização, por esse lado, aparece menos como falta de formalização e mais como uma forma específica de habitar um espaço que pertence aos outros.

A Cena **1** já anuncia essa dinâmica, ao mostrar Val dividida entre a ligação à filha e o cuidado com o filho criança da patroa. O ambiente da piscina, colorido e repleto de brinquedos, contrasta com a posição rígida da empregada, que não se permite entrar na água. A cena revela como o lazer de uma família depende da contenção de outra: para que a criança desfrute plenamente daquele espaço, Val precisa se retirar dele, simbolicamente, mantendo-se em alerta.

Na Cena **4**, ao entrar descalça no quarto desse filho, a personagem Val confirma a existência de códigos implícitos que estruturam sua circulação na casa. O ato de tirar as sandálias não representa apenas deferência, mas evidencia que sua presença é tolerada somente enquanto instrumento de manutenção. A maneira como ela cruza esse limiar desnuda a hierarquia espacial que define o trabalho doméstico.

Na Cena **6**, Val se move pela sala de jantar, não apenas recolhendo restos da refeição. Ela se desculpa pelo prato não ter sido bem recebido, pergunta sobre preferências e verifica a medicação do patrão. Essa suavidade na transição entre cozinheira, servidora e cuidadora demonstra a dilatação das funções, característica do trabalho doméstico que mistura serviço e afeto sem delimitação clara.

A Cena **7** mostra que, mesmo entre colegas, Val ocupa posição distinta. Enquanto os diaristas comem sentados, ela segue servindo, em silêncio. É um momento de intervalo para todos, exceto para ela. A naturalidade com que se mantém de pé, atendendo pedidos informais, revela como a precarização se sustenta também na internalização de um papel que ultrapassa as fronteiras da sua função laboral.

A Cena **10**, em que Val nina o filho da patroa, traz outra face da precarização: o cuidado intimista, emocional e cotidiano que se espera dela. Embora o gesto seja afetuoso, ele é também atravessado por ausências e substituição, marcando como o trabalho doméstico frequentemente captura partes essenciais da vida afetiva da trabalhadora.

Na Cena **12**, a tentativa de sair de folga esbarra no controle da patroa, que questiona a organização da casa, redefine o horário de retorno dessa folga e encerra a conversa colocando fones de ouvido. Tal folga, nesse contexto, não configura direito, mas concessão, sempre dependente da autorização e da validação da empregadora.

A Cena **15** evidencia que, até momentos envolvendo a vida pessoal da trabalhadora precisam ser circunscritos às brechas do cotidiano da patroa. O pedido para acolher temporariamente sua filha é feito por Val entre interrupções, em um momento em que a patroa está ocupada com uma entrevista e, só pode ser concluída quando ela se desloca, obrigando Val a acompanhá-la fisicamente e simbolicamente.

A Cena **17**, em que Val serve sozinha aos convidados da festa, destaca o caráter invisível do trabalho que sustenta eventos sociais. Ela se desloca com agilidade, ocupando todos os espaços, enquanto sua presença passa despercebida por quem usufrui do encontro social. A festa acontece, porque Val a torna possível, mas ela própria inexiste como sujeito naquele cenário.

Na Cena **18**, a rápida intervenção da patroa para impedir o uso das taças lhe oferecidas por Val, revela que até objetos aparentemente neutros seguem a lógica da casa. As taças que emergiram como presentes de aniversário voltaram a ser signos de controle quando retiradas de sua mão, mostrando que a circulação de bens e gestos afetuosos é rigidamente vigiada.

A Cena **21** mostra a precarização material se explicitando, quando o quarto de Val é, por ela apresentado à filha Jéssica. O espaço reduzido, onde mal cabem duas pessoas, evidencia o limite físico do lugar que Val pode ocupar, causando incômodo e indignação em Jéssica, que vê ali, o trabalho se infiltrando de forma permanente, pois nesse quarto se mostra somente uma extensão ínfima da casa, e não um local de repouso autônomo.

Na Cena **22**, Jéssica é chamada apenas após o jantar dos patrões. Val permanece cumprindo tarefas, enquanto a filha é submetida a perguntas incisivas e, sua posição de pé, reforça que seu acesso à mesa não é simbólico, mas circunstancial. O encontro constrói a imagem da ‘visita’ como presença condicionada.

Na Cena **26**, o simples ato de sentar-se à mesa torna-se motivo de tensão. Val se desculpa pelo atraso, repreende a filha e tenta restabelecer o protocolo que rege a casa. A cozinha funciona como eixo onde se organizam as formas permitidas de estar: ali, a filha pode estar presente, mas não deve ocupar o mesmo lugar dos patrões.

A Cena **29** mostra Val tentando administrar um desconforto novo: servir sua própria filha, Jéssica, na sala principal, a convite do patrão. A hesitação na escolha do sorvete, revela o quanto alimentos triviais carregam expectativas sobre quem pode consumi-los e em que condições.

A discussão se aprofunda na Cena **31**, quando Jéssica sugere provar o sorvete, antes de levar para os patrões. A recusa de Val mostra sua plena consciência do que é permitido ou não no imaginário da casa. Ao separar um pote à parte, ela constrói uma pequena zona de intimidade dentro de um território que a exclui constantemente.

Por fim, nessa categoria, a Cena **33** articula o espaço da piscina como território simbólico de privilégio. A entrada da filha ali provoca desconforto imediato, e a reação dos patrões mostra que esse é um espaço que deve permanecer 'intocado'. A piscina marca o privilégio do descanso e do lazer, dos quais Val e Jéssica só podem participar como exceção, e não como regra.

Em conjunto, nessa categoria, essas quinze cenas mostram que a precarização do trabalho doméstico opera por meio de uma combinação de vigilância, limitação espacial, disponibilidade emocional e fusão entre vida e trabalho em relação à empregada doméstica. Esse filme *lócus* revela um cotidiano em que o trabalho não é apenas uma atividade, mas uma forma de ocupação permanente do corpo e do tempo dessa trabalhadora, que se move dentro de um sistema de expectativas invisíveis, apreendidas e reproduzidas ao longo dos anos.

A Categoria (3) Precarização das Relações Afetivas, reúne as Cenas 1, 10, 15, 20, 21, 25, 34, 48, 49 que mostram rupturas emocionais, distanciamentos familiares e vínculos afetivos fragilizados pelo trabalho. A seleção dessas nove cenas evidencia como a atividade laboral atravessa e limita relações pessoais, especialmente entre mãe e filha, sendo identificada por meio da microanálise das interações simbólicas.

A precarização das relações afetivas, tal como construída no filme *lócus*, revela como o trabalho doméstico reconfigura vínculos, distancia corpos e impõe ausências que se tornam estruturais na vida de Val. As nove cenas selecionadas mostram que a atividade laboral não restringe apenas o tempo destinado à família, mas atravessa emoções, expectativas e modos de cuidado, criando uma rede de afetos interrompidos, substituídos ou reorganizados, segundo as necessidades da casa onde se trabalha. A dimensão afetiva, nessa perspectiva, não se limita a sentimentos individuais, mas é moldada por condições materiais e simbólicas do emprego.

Quadro 5 – Categoria (3): Precarização das Relações Afetivas

Cena Nº	Duração (Início – Fim)	Descrição
1	02:28 – 04:31 (02:03)	Val cuida do menino na piscina, recusa seu convite para nadar e fala com a filha ao telefone, enquanto vigia a criança.
10	12:11 – 12:22 (00:11)	Val niña Fabinho nos braços, embalando o menino de forma cuidadosa.
15	16:57 – 20:40 (03:43)	Val entrega um presente de aniversário à patroa, durante entrevista, pede permissão para hospedar a filha, mas é interrompida por ligação.
20	27:40 – 30:30 (02:50)	Val conversa no quarto de hóspedes com Jéssica, sobre regras da casa e convivência, mostrando cautela quanto ao espaço.
21	30:30 – 32:00 (01:30)	Val faz o tour do quarto dela para sua filha Jéssica, ao chegarem à residência dos patrões.
25	39:00 – 41:00 (02:00)	Val estende roupas no varal, conversa com a colega e descansa sentada, usando o cabo da vassoura como apoio.
34	1:06:00 – 1:10:00 (04:00)	Val prepara café, serve à patroa e atende pedidos simultâneos, enquanto Jéssica confronta normas da casa.
48	1:40:00 – 1:40:38 (00:38)	Despedida entre Val e Fabinho, antes da viagem para Austrália, oferecida por seus pais, após o resultado negativo do vestibular da FAU USP.
49	1:42:51 – 1:48:30 (05:39)	Val arruma suas coisas, deixa o quarto nos fundos e encerra suas atividades, antes de partir.

A Cena **1** já indica essa fratura inicial. Val fala com a filha ao telefone enquanto cuida do menino da patroa na área da piscina. A troca simultânea entre um afeto mediado pela distância e outro vivido presencialmente, cria uma sobreposição de vínculos. A relação com o menino exige atenção constante e impede que Val esteja plenamente disponível para a própria filha. A conversa fragmentada, conduzida enquanto observa os movimentos da criança, evidencia a tensão entre a maternidade real e a maternagem exercida no trabalho.

Essa lógica se intensifica na Cena **10**, quando Val nina o filho da patroa com gestos de cuidado que carregam familiaridade e repetição cotidiana. O carinho transmitido ali, embora genuíno, é atravessado pela ausência de sua própria filha. O vínculo construído com Fabinho torna-se resultado direto da convivência e das rotinas domésticas, enquanto o laço materno com Jéssica permanece mediado pela distância. A cena revela uma afetividade deslocada, em que o vínculo mais próximo é aquele produzido dentro do espaço empregador.

A Cena **15** retoma essa precarização afetiva, quando Val tenta pedir à patroa que permita a permanência temporária de Jéssica na casa. O pedido surge em um momento apressado, no intervalo de uma entrevista, e é interrompido por uma ligação, obrigando Val a seguir a patroa para concluir a frase. A dificuldade em encontrar um momento de escuta para discutir algo que lhe é tão fundamental expõe a fragilidade de sua voz, no que diz respeito à própria família. A relação mãe-filha, aqui, depende de concessões e brechas alheias à vontade de Val.

Na Cena **20**, durante o trajeto de ônibus pela cidade, Jéssica descobre que a mãe mora na casa onde trabalha. O choque gerado por essa revelação torna evidente o distanciamento entre as duas. A expectativa da filha de visitar um 'lar' próprio é quebrada, e Val precisa administrar esse desconforto, enquanto tenta lhe apresentar a cidade. A revelação, embora simples, marca a ruptura afetiva que o trabalho exerce na dinâmica familiar de Jéssica, mostrando como a vida da mãe foi inteiramente absorvida pela casa da patroa.

Essa ruptura afetivo/emocional se aprofunda na Cena **25**, quando Jéssica observa o funcionamento da casa da patroa de Val e a circulação dos ambientes que não lhe pertencem. A forma como reage à distribuição dos quartos, aos objetos e à rotina da mãe, revela uma distância construída, não apenas pela geografia, mas por modos de vida distintos. A relação entre as duas é atravessada por lacunas que só emergem quando compartilham o mesmo espaço.

Na Cena **21,** o momento em que Val é chamada para servir sorvete à própria filha, que almoça na sala principal, a convite do patrão, expõe dilemas afetivos que se sobrepõem às tarefas domésticas. Val hesita, observa à distância e demonstra desconforto ao atender o pedido. O fato de precisar servir a filha como serviria um patrão revela a tensão entre o afeto materno

e a função profissional. A relação é reorganizada de modo que o gesto de cuidado se mistura ao serviço, produzindo um desconforto visível.

Esse conflito retorna na Cena **34,** quando mãe e filha discutem durante o passeio com o cachorro dos patrões. Jéssica questiona as regras que Val segue e repete automaticamente. Val afirma: "você já nasce sabendo". O diálogo revela duas experiências distintas de afetividade e de expectativas: para Val, o trabalho se tornou parte indissociável de sua identidade, e isso reverbera na forma como cuida, educa e se relaciona com a filha. Para Jéssica, ao contrário, essas fronteiras são injustas, incompreensíveis e arbitrárias. Essa discussão expõe um desgaste emocional, acumulado ao longo dos anos.

Na Cena **48**, a despedida entre Val e Fabinho, antes da viagem à Austrália, materializa o vínculo afetivo construído ao longo dos anos nesse trabalho. O abraço e as palavras de cuidado revelam uma relação marcada pela convivência diária, mas delimitada pela estrutura da casa. O afeto existe, mas não pode transcender os limites impostos pela função exercida por Val. O momento carrega uma melancolia particular, pois prenuncia um afastamento que, diferentemente da relação com a filha, não pode ser recomposto fora daquele espaço.

Nessa categoria, por fim, a Cena **49** evidencia uma tentativa de reorganizar o próprio afeto. Ao pedir demissão, Val afirma que precisa cuidar da filha, gesto que não expressa apenas cansaço laboral, mas uma escolha afetiva. A decisão é acompanhada de emoção contida e olhar firme, sinalizando que, depois de anos distanciada da filha por força das condições de trabalho, ela tenta agora reaproximar-se. A relação afetiva fragilizada surge, nesse momento, como motivo para a mudança.

No conjunto, essas nove cenas revelam que a precarização das relações afetivas no trabalho doméstico não se limita ao pouco tempo disponível, mas à forma como o trabalho doméstico perpassa e redefine os vínculos. A casa onde Val trabalha se torna o centro de sua vida emocional, reorganizando seu papel como mãe, cuidadora e sujeito. Sua trajetória mostra que a precarização não atua apenas sobre o corpo que trabalha, mas também sobre os laços afetivos que esse corpo tenta preservar.

A categoria (4) Desigualdades Social e de Classe reúne as Cenas 1, 4, 6, 7, 12, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 29, 31, 33 e 34, nas quais a desigualdade estrutural é expressa por marcas espaciais, objetos, regras implícitas e comportamentos que reforçam hierarquias de classe. A análise se baseia no reconhecimento de signos visuais e práticas cotidianas que limitam a circulação e a autonomia da trabalhadora Val, no espaço doméstico.

As desigualdades social e de classe nesse filme *lócus* não se apresentam apenas como pano de fundo, mas como força organizadora do espaço, dos gestos e da circulação dos corpos. A casa na qual Val trabalha, funciona como dispositivo de hierarquização, produzindo fronteiras materiais e simbólicas que delimitam pertencimentos. As cenas associadas à Categoria (4) revelam como a distinção entre 'família' e 'empregada doméstica' é circunscrita no cotidiano, por meio de rotinas minuciosas e regras sociais implícitas.

Quadro 6 – Categoria (4): Desigualdades Social e de Classe

Cena Nº	**Duração Início – Fim)**	**Descrição**
1	02:28 – 04:31 (02:03)	Val cuida do menino na piscina, recusa seu convite para nadar e fala com a filha ao telefone enquanto vigia a criança.
4	06:38 – 07:00 (00:22)	Val tira as sandálias, entra descalça no quarto de Fabinho, limpa o espaço e avisa sobre o horário ao patrão.
6	08:00 – 08:48 (00:48)	Val recolhe louça na sala de jantar, se desculpa pela comida, confirma bebida e lembra ao patrão sobre sua medicação.
7	08:49 – 09:34 (00:45)	Val serve comida aos colegas diaristas, permanece de pé, enquanto eles comem sentados e pedem mais comida.
12	14:17 – 15:25 (01:08)	Val se arruma para sair na sua folga, dona Bárbara que está se exercitando questiona se está tudo em ordem na casa para ela sair, e solicita a ela chegar mais cedo na segunda. Val tenta falar mas a empregadora se despede dela e volta a se exercitar colocando seus fones de ouvido, Val se estressa com o cachorro logo em seguida e vai embora.
15	16:57 – 20:40 (03:43)	Val entrega um presente de aniversário à patroa, durante entrevista, pede permissão para hospedar a filha, mas é interrompida por ligação.
18	24:44 – 25:25 (00:41)	Val organiza as taças, é puxada pela patroa para a cozinha e impedida de usar o conjunto que lhe havia presenteado.
20	27:40 – 30:30 (02:50)	Val conversa no quarto de hóspedes com Jéssica sobre regras da casa e convivência, mostrando cautela quanto ao espaço.
21	30:30 – 32:00 (01:30)	Val faz o tour do quarto dela para sua filha Jéssica, ao chegarem à residência dos patrões

22	32:00 – 35:27 (03:27)	A família da patroa (Bárbara) acabou de jantar, solicita que Val retire os pratos da mesa. Aproveita para pedir-lhe que convide sua filha para se apresentar.
24	37:01 – 39:00 (01:59)	Val serve comida na área dos empregados, permanece de pé, responde a pedidos e organiza utensílios.
26	41:01 – 46:00 (04:59)	Bárbara chega à cozinha de manhã, não encontra Val, vai até o quarto procurar por ela. Ao voltar para a cozinha, encontra Jessica no espaço, a quem ela pergunta sobre o paradeiro da mãe.
29	53:17 – 56:39 (03:22)	Val observa Jéssica sentada à mesa com o patrão, servindo-lhes alimentos e monitorando discretamente o ambiente.
31	57:46 – 59:30 (01:44)	Jéssica sugere que a mãe sirva um pouco de sorvete para elas antes de levar aos patrões.
33	1:02:30 – 1:06:00 (03:30)	Jéssica entra na piscina, empurrada por Fabinho e seu amigo. Os três interagem e se divertem.
34	1:06:00 – 1:10:00 (04:00)	Val prepara café, serve à patroa e atende pedidos simultâneos, enquanto Jéssica confronta normas da casa.

A lógica das desigualdades social e de classe se insinua desde a Cena **1**, na piscina. O ambiente colorido e infantilizado sublinha o privilégio da criança, enquanto Val, mesmo presente, é mantida fora da água, literal e simbolicamente. Ela vigia, mas não usufrui. Essa cisão entre presenciar um mundo e pertencer a ele revela como essas desigualdades se reproduzem pela ocupação diferenciada dos mesmos espaços.

Na Cena **4**, o ato de tirar as sandálias para entrar no quarto não é gesto de delicadeza, mas marcador de fronteira. A casa impõe códigos silenciosos que estruturam a circulação. Val pisa descalça porque não pisa como igual. A desigualdade se materializa no chão, no corpo inclinado, no cuidado com o espaço alheio, que não se estende ao seu próprio espaço.

A Cena **6** evidencia a assimetria corporal entre quem permanece sentado e quem trabalha. O patrão ocupa a cadeira, como signo de estabilidade. Val ocupa o deslocamento, a travessia, o movimento contínuo. A desigualdade está inscrita na divisão entre quem se senta e quem se apressa, entre quem é servido e quem verifica a medicação.

A Cena **7** desloca a questão para dentro da própria classe trabalhadora. Enquanto os diaristas comem, Val segue servindo. Mesmo entre iguais, a casa lhe impõe uma graduação de hierarquia, não no sentido do poder, mas das responsabilidades. Ela, Val, não pertence nem à

família nem plenamente ao grupo dos trabalhadores temporários, permanecendo numa zona intermediária em que sua identidade é permanentemente definida pelo servir obedientemente.

Na Cena **12**, o corpo da patroa em exercício contrasta com o corpo de Val em despedida. A patroa escuta apenas o que quer ouvir; Val tenta falar o que precisa dizer. O fone de ouvido que sela o diálogo funciona como metáfora do lugar social da empregada, um sujeito presente, mas não acessado.

A Cena **15** articula a desigualdade de forma mais sutil. Enquanto a patroa concede entrevistas em sua casa, ocupando posição pública, Val aguarda à margem, contendo o presente de aniversário dessa patroa, nas mãos. A casa, que funciona como vitrine social para a patroa, mantém Val num plano lateral, sempre em busca de brechas.

Em seguida, a Cena **18** trabalha os objetos como operadores de classe. As taças trazidas da Suíça não são apenas utensílios, mas marcadores de distinção, inacessíveis ao toque da empregada. A rapidez da intervenção da patroa, quase arrastando Val de volta à cozinha, revela que ali os objetos traduzem uma zona social que a empregada não pode atravessar, muito embora lhe tenha comunicado anteriormente, que o presente de aniversário recebido seria usado em situações especiais.

A desigualdade espacial aparece com força na Cena **20**, quando Jéssica descobre que a mãe mora na casa dos patrões. O lar próprio é substituído pelo alojamento funcional. A menina experimenta, pela primeira vez, a distância entre o ‘viver’ e o ‘habitar’, entre a casa que se visita e a casa à qual se serve.

Essa tensão se aprofunda na Cena **21**, diante do quarto de Val. O espaço exíguo, onde mal cabe um colchão extra, contrasta com a amplitude da casa. Ali, a desigualdade se expressa na metragem. Alguns têm direito ao conforto espacial, enquanto outros se acomodam na sombra.

A Cena **22** reforça a divisão da mesa, talvez o símbolo mais forte da desigualdade doméstica. Jéssica, de pé, é interrogada, Val circula, os patrões sentam-se. A mesa, lugar de convivência familiar, transforma-se em instrumento de separação. Não é apenas onde se come, mas onde se evidencia quem tem o privilégio de permanecer.

A Cena **24** desloca essa questão para o quarto de hóspedes, apresentado pelo patrão. A ideia de Jéssica de ocupar tal espaço para estudar, provoca desconforto imediato, como se ela violasse um território consagrado. O quarto não é apenas um cômodo, mas um signo de *status*, protegido da circulação daqueles que não pertencem ao círculo social da família. Essa cena explícita, sobretudo, a subserviência, à medida que Val tenta impedir a possibilidade ventilada por Jéssica, antes mesmo de qualquer conflito explícito, sinalizando como aprendeu a antecipar e evitar tensões. A chegada da patroa confirma que, mesmo quando há abertura aparente, há limites implícitos a serem respeitados.

Essa simbologia do espaço reaparece na Cena **26**, quando a patroa mostra estranheza ao deparar-se com Jéssica à mesa da cozinha. Sentar-se ali não representa gesto neutro de Jéssica, mas reivindicação involuntária de igualdade. A reação de Val, pedindo que a filha se levantasse, revela a internalização das fronteiras, pois ela própria passa a defender limites que a excluem.

A Cena **29** expõe a fragilidade dessas fronteiras. Ao testemunhar o convite do patrão para que a filha almoçasse com ele, Val hesita em entrar, em servir. A passagem entre cozinha e sala funciona como divisor social, demarcando quem atravessa esse limiar e sob quais condições. O desconforto de servir a própria filha mostra que aquele é um lugar que não lhes pertence, mesmo quando temporariamente ocupado consentidamente.

Na Cena **31**, os potes de sorvete tornam-se símbolos dessa desigualdade. Há o sorvete que é de Fabinho e o que é de todos. O que está em jogo não é apenas o alimento, mas a existência de itens alimentícios supostamente coletivos que, na prática, são privatizados pela hierarquia social arraigada, apreendida e temidamente respeitada.

A Cena **33** retoma a piscina como signo de privilégio. A entrada de Jéssica desloca a ordem visual e emocional do espaço. O desconforto dos patrões evidencia que certos ambientes funcionam como vitrines de classe. Parecem abertos, mas não são. O constrangimento de Val atesta sua apreensão conformada dessas desigualdades.

Por fim, nessa categoria, a Cena **34** sintetiza a naturalização da desigualdade. Ao ser questionada pela filha sobre a origem das regras que segue, Val responde: “você já nasce

sabendo". Essa afirmação condensa a transmissão intergeracional de normas sociais que definem os lugares que cada um deve ocupar, não por escolha, mas por aceitação possivelmente histórica e subserviente da posição de classe.

No conjunto, essas dezesseis cenas revelam que a desigualdade no filme não é ocasional, mas estruturante. Ela define quem senta e quem serve, quem transita e quem pede permissão, quem habita e quem apenas ocupa. A casa, com seus objetos, distâncias e protocolos, funciona como um mapa simbólico da hierarquia social brasileira, projetando nos corpos a diferença entre aqueles que pertencem ao centro e aqueles que orbitam ao redor.

Este estudo observacional em análise fílmica concentrou-se especialmente nas interações entre Val e os membros da família empregadora, tomando esse espaço relacional como cenário privilegiado para explorar tensões de classe e barreiras simbólicas representadas no filme. Tal recorte permitiu compreender como essas interações contribuem para refletir sobre as condições contemporâneas de trabalho e sobre as estruturas sociais brasileiras.

Neste estudo, a coleta de dados também foi realizada por meio de uma análise crítica e sistemática do filme *lócus* 'Que Horas Ela Volta?', pela sua capacidade de representar, de forma sensível e realista, as dinâmicas contemporâneas de precarização do trabalho e de desigualdades social e de classe, no Brasil. A personagem Val, enquanto trabalhadora doméstica, evidencia tensões estruturais que atravessam o campo das relações de classe, tornando o filme *lócu*s adequado para a investigação proposta.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão dos resultados tem como objetivo articular as evidências observadas no filme, com as proposições teóricas mobilizadas ao longo deste estudo, aprofundando a compreensão sobre como práticas cotidianas reproduzem formas históricas de desigualdades, hierarquia e subalternização. Ademais, o filme analisado foi colocado para essa discussão com base nos conceitos de análise fílmica aplicados ao campo da Administração (LEITE, *et al*., 2022) e da teoria cinematográfica, especialmente conforme proposta por Bordwell e Thompson (2013), que destacaram a importância da linguagem cinematográfica na construção de significados e na articulação de tensões sociais.

Relembra-se que a noção de precarização é amplamente utilizada na literatura para designar transformações estruturais nas relações laborais, marcadas pela instabilidade, pela fragilização de direitos e pela ampliação das desigualdades sociais. No entanto, para fins analíticos, torna-se necessário distinguir duas dimensões interligadas, mas não idênticas, desse processo: a precarização do trabalho e a precarização no trabalho. Essa distinção permite compreender com maior precisão as formas específicas que a precariedade assume no contexto do trabalho doméstico remunerado e orienta a análise empírica desenvolvida neste estudo.

A precarização do trabalho refere-se às transformações estruturais que incidem sobre o próprio estatuto do trabalho no capitalismo contemporâneo. Trata-se de um processo macroestrutural, associado à reconfiguração dos mercados de trabalho, à flexibilização das normas trabalhistas, à expansão da informalidade e à erosão dos sistemas de proteção social. Autores como Castel (2003) e Antunes (2018) mostraram que a precarização do trabalho não constitui um fenômeno residual ou transitório, mas um elemento estrutural da organização atual do trabalho, produzindo trajetórias marcadas pela instabilidade e pela vulnerabilidade social. Nesse sentido, a precarização do trabalho diz respeito às condições objetivas que definem o lugar do trabalho na sociedade, afetando amplos contingentes de trabalhadores, independentemente do setor específico de atuação.

No contexto brasileiro, essa dimensão estrutural foi analisada por Pochmann (2001), que evidenciou como a reestruturação produtiva e o avanço de políticas neoliberais contribuíram para a segmentação do mercado de trabalho e para a consolidação de ocupações caracterizadas

pela informalidade e pela instabilidade permanente. O trabalho doméstico remunerado insere-se nesse cenário como uma das principais formas de absorção de mão de obra feminina excluída do mercado formal, sendo historicamente atravessado por baixos níveis de proteção trabalhista e reconhecimento social (TAVARES, M. A., 2014).

Por sua vez, a precarização no trabalho refere-se às experiências concretas e cotidianas de precariedade vividas no interior das relações de trabalho. Essa dimensão diz respeito não apenas às condições contratuais ou legais, mas também às formas como a precarização se manifesta no exercício diário das atividades laborais, envolvendo aspectos simbólicos, relacionais e afetivos. No trabalho doméstico, a precarização no trabalho expressa-se, por exemplo, na sobreposição de tarefas, na ampliação informal das responsabilidades, na indefinição de horários, na naturalização de demandas extras e na dificuldade de estabelecer limites claros entre vida pessoal e trabalho (BRITES, 2007; SABINO; ABÍLIO, 2019).

Essa dimensão relacional da precarização já se fazia notar como foco de atenção, por Hochschild (1983), ao mostrar que determinadas ocupações exigem a gestão constante das emoções como parte do desempenho profissional. No trabalho doméstico, o trabalho emocional torna-se um elemento central da precarização no trabalho, uma vez que vínculos de afeto, lealdade e proximidade tendem a obscurecer a relação contratual e a fragilizar a possibilidade de reivindicação de direitos. De forma complementar, Kofes (2001) evidencia que a convivência cotidiana no espaço doméstico produz uma intimidade assimétrica, na qual proximidade e desigualdade coexistem, reforçando hierarquias de classe e dificultando a explicitação de conflitos.

A distinção entre precarização do trabalho e precarização no trabalho torna-se particularmente relevante no caso do trabalho doméstico, pois essa ocupação concentra simultaneamente ambas as dimensões. De um lado, trata-se de uma atividade estruturalmente precarizada, historicamente excluída dos sistemas formais de proteção social e marcada por processos de desvalorização econômica e simbólica (SAFFIOTI, 1987; FEDERICI, 2019). De outro, o trabalho doméstico é atravessado por formas específicas de precarização no cotidiano laboral, nas quais a afetividade, a convivência doméstica e as relações pessoais operam como dispositivos de naturalização da subordinação (SARTI, 2004).

Por esse ponto de vista, a precarização no trabalho doméstico não pode ser compreendida apenas como reflexo da precarização do trabalho em termos estruturais, mas como um processo que se intensifica no interior das relações sociais que organizam o espaço doméstico. Como argumentado por Bourdieu (1998; 1999), mecanismos de dominação simbólica contribuem para a internalização dessas hierarquias, fazendo com que práticas desiguais sejam percebidas como naturais ou legítimas tanto por empregadores quanto por trabalhadoras. Assim, a precarização no trabalho doméstico opera não apenas por meio da ausência de direitos, mas também pela incorporação cotidiana de disposições que dificultam sua problematização.

A distinção analítica proposta neste TCC permite, portanto, compreender que a precarização do trabalho fornece o pano de fundo estrutural que posiciona o trabalho doméstico em um lugar socialmente desvalorizado, enquanto a precarização no trabalho revela como essa condição se materializa, se reproduz e se legitima nas interações cotidianas. Essa diferenciação é central para a análise do filme *lócus*, pois possibilita interpretar as cenas não apenas como representações de desigualdades estruturais, mas como expressões concretas das formas pelas quais a precarização se infiltra nas práticas, nos afetos e nos limites do trabalho doméstico

A precarização do trabalho, neste estudo, foi discutida destacadamente com base em Antunes (2009; 2018), Brites, (2007) Castel (2003), Pochmann (2001), Sabino e Abílio, (2019). Esses autores analisaram como a desregulamentação e a instabilidade das condições laborais impactam negativamente a vida dos trabalhadores, evidenciando uma estratificação social profundamente enraizada. No filme *lócus,* a personagem Val, trabalhadora doméstica, vivenciou intensamente essas dinâmicas, confrontando tensões entre expectativas de mobilidade social e barreiras impostas e autoimpostas em posição subalterna.

Esse *lócus* permitiu explorar dinâmicas sociais e laborais relacionadas à precarização do trabalho e, especialmente, do trabalho doméstico. Cada cena foi observada de modo a identificar como a narrativa cinematográfica expressa relações de subordinação, conflitos de classe e de precarização do trabalho doméstico, conforme discutido por Castel (2003) e Antunes (2009)

A sistematização representada pelos Quadros 3-6, construída no Capítulo 4, permitiu examinar o modo como diferentes dimensões da precarização e da desigualdade se entrelaçam.

Cada categoria evidenciou um aspecto específico das experiências de Val, mas todas se articularam para revelar um padrão amplo que ultrapassa a narrativa fílmica e pode vir a dialogar com a realidade social brasileira. Assim, este capítulo assume a função de conectar o material empírico com as proposições teóricas, oferecendo uma leitura crítica que aprofunda o sentido das práticas, dos espaços e das relações representadas no filme.

Ao discutir os resultados, não se trata apenas de identificar situações de exploração ou assimetria, mas de compreender os mecanismos que as sustentam, suas justificativas implícitas e seus efeitos subjetivos. A análise interpretativa possibilita evidenciar como a ficção cinematográfica se aproxima de debates contemporâneos sobre trabalho, classe, gênero e afeto, permitindo situar o filme *lócus* como produto cultural que reflete e tenciona problemas ainda presentes na sociedade brasileira.

A análise do Quadro 3- Categoria (1): Precarização do Trabalho evidenciou que a precarização do trabalho vivida por Val ultrapassa a noção restrita de instabilidade contratual e revela um processo mais profundo, no qual tempo, corpo e identidade são reorganizados para atender às demandas do trabalho doméstico. Essa configuração dialoga diretamente com o que Castel (2003) descreveu como ‘fragilização da sociedade salarial’, marcada por vínculos laborais frágeis, dependência e ausência de autonomia, em contextos aparentemente estáveis.

Trazida por Antunes (2009), a ‘precarização estrutural’ consolida-se pela intensificação das demandas, pela flexibilidade unilateral imposta ao trabalhador e pela porosidade das fronteiras entre trabalho e vida pessoal. No filme, os resultados associados a Val evidenciam essas características: funções múltiplas; reorganização constante do tempo; interrupções sucessivas e expansão silenciosa das responsabilidades.

Um elemento central dessa precarização é o ‘trabalho emocional’, conceito desenvolvido por Hochschild (1983), para quem certas ocupações exigem que o trabalhador regule suas próprias emoções para atender expectativas sociais, produzindo estados afetivos apropriados ao trabalho. A rotina de Val incorpora integralmente essa dinâmica: ela pede desculpas por situações que não causou; oferece conforto, ao lembrar sempre ao patrão de horários e medicamentos; antecipa constrangimentos e administra sentimentos, em um esforço

contínuo para evitar conflitos. Essa camada emocional não é remunerada, mas é indispensável para o funcionamento do ambiente doméstico, ampliando a precarização.

A literatura feminista contribuiu para compreender como esse tipo de trabalho é tradicionalmente invisibilizado. Federici (2019) argumentou que o trabalho doméstico e de cuidado sustenta a reprodução social, mas permanece desvalorizado, porque se apoia em expectativas de gênero e em formas históricas de exploração. A experiência de Val confirma essa lógica: seu trabalho é essencial para o cotidiano da família empregadora, mas não é reconhecido como trabalho especializado, e sim como obrigação natural derivada de seu papel.

Essa naturalização, por sua vez, pode ser compreendida à luz do conceito de *habitus* formulado por Bourdieu (1999). A disposição de 'estar sempre disponível', de aceitar ordens implícitas e de agir de modo a não perturbar a dinâmica da casa mostra a incorporação de estruturas sociais que produzem obediência sem necessidade de coerção direta. A precarização, portanto, não é apenas instituída de fora, mas também interiorizada pela trabalhadora Val, que se percebe como parte de uma ordem na qual sua função é sempre servir.

No contexto brasileiro, as relações históricas entre trabalhadoras domésticas e famílias empregadoras são marcadas por hierarquias profundas de classe, gênero e raça. Kofes (2001) lembrou que o trabalho doméstico no Brasil opera em um regime ambíguo, no qual aproximação e distância se sobrepõem, produzindo funções fluidas, expectativas indefinidas e dependência emocional e material. Os resultados encontrados no filme refletem essa configuração: Val é tratada como alguém 'da casa', mas, simultaneamente é mantida em posição subordinada, com obrigações ampliadas e pouca autonomia.

Os resultados da Categoria 1 dialogam diretamente com pesquisas recentes sobre cuidado no Brasil. Camarano e Pinheiro (2023) mostraram que o funcionamento das famílias urbanas depende de uma divisão desigual do cuidado, na qual trabalhadoras domésticas assumem funções essenciais para a reprodução cotidiana das rotinas familiares. Essas autoras indicaram que o cuidado, quando mediado por desigualdades, tende a se concentrar nas mulheres em situação de vulnerabilidade, que acabam arcando com a sobrecarga emocional, física e temporal que viabiliza o cotidiano dos grupos mais favorecidos. Esses resultados confirmam o argumento das autoras: atividades como organização; manutenção da ordem na

casa; gestão do tempo familiar e apoio emocional não são percebidas como trabalho especializado, mas como extensões naturais da função doméstica.

No exame minucioso do Quadro 4 – Categoria (2): Precarização do Trabalho Doméstico, os resultados mostram que a precarização do trabalho doméstico apresenta características específicas relacionadas à ocupação do espaço privado, ao exercício contínuo de tarefas invisíveis e à exigência de responsabilização ampliada. Embora compartilhe elementos gerais da precarização laboral discutida no Quadro 3, o trabalho doméstico possui dinâmicas próprias que se fundamentam na natureza íntima e informal do ambiente no qual esse trabalho é executado, como indicado por Kofes (2001) em sua etnografia sobre relações de trabalho no âmbito doméstico.

Ainda, os resultados revelam que a precarização do trabalho doméstico, na experiência de Val, articula quatro dimensões: a instabilidade do controle sobre o próprio tempo; a elasticidade funcional que amplia indefinidamente suas responsabilidades; o desgaste emocional constante; e, a internalização de disposições de submissão. Lidas à luz de Antunes (2009), Bourdieu (1999), Camarano e Pinheiro (2023), Castel (2003), Federici (2019), Hochschild (1983) e Kofes (2001), essas quatro dimensões mostram que a precarização do trabalho doméstico não se constitui apenas uma característica ocupacional, mas um mecanismo estrutural de possível reprodução da desigualdade no Brasil.

Tal precarização manifesta-se sobretudo na fusão entre vida pessoal e vida laboral. Tavares, M. J. (2014) apontou que a ocupação doméstica no Brasil opera por meio de fronteiras instáveis, pois a trabalhadora está, simultaneamente, no espaço de trabalho e no espaço de moradia, dificultando qualquer separação entre descanso e responsabilidades. No filme, essa fusão surge no modo como a rotina de Val é absorvida pelas necessidades da casa, criando um regime de imersão total que a impede de estabelecer limites.

A sobreposição entre cuidado material e cuidado emocional aprofunda essa precarização. Federici (2019) explicou que o trabalho reprodutivo, aquele que engloba limpeza, cuidado, vigilância e administração doméstica, sustenta a reprodução da sociedade, mas é sistematicamente desvalorizado, por estar associado ao universo privado e às expectativas de

gênero. A experiência de Val confirma essa leitura, pois suas atividades sustentam integralmente o funcionamento da casa, embora não receba reconhecimento proporcional.

A invisibilidade do trabalho aparece também no que Saffioti (1987) descreveu como silêncio produtivo. Para essa autora, o trabalho doméstico é estruturado para não interromper a experiência da família, de modo que a trabalhadora opera nas bordas do cotidiano, realizando tarefas essenciais, sem que sua presença seja percebida como parte constitutiva da vida familiar. Essa invisibilidade se repete no filme, no qual muitas das ações de Val ocorrem antes, depois ou à margem dos momentos vividos pela família empregadora. A responsabilização ampliada continuamente para Val é outro aspecto central. Antunes (2002) identificou a expansão contínua das funções como característica da precarização contemporânea. No ambiente doméstico, essa ampliação assume contornos próprios, pois a trabalhadora acumula funções que extrapolam sua descrição contratual, como mediar conflitos, administrar horários, cuidar de crianças e antecipar necessidades emocionais dos patrões. Essa ampliação reforça a ideia de elasticidade funcional, inerente ao trabalho doméstico.

Por fim, os resultados da Categoria 2 indicam que a precarização do trabalho doméstico, no filme, não decorre apenas da falta de direitos formais, mas de uma organização social que naturaliza a disponibilidade integral, a invisibilidade das tarefas, as tensões que moldam o cotidiano e a desigualdade espacial e simbólica. A desigualdade espacial estrutura de forma profunda essa precarização, pois confirma a casa delimitando territórios específicos que mantêm a rigidez da hierarquia entre a trabalhadora Val e a família empregadora. Bourdieu (1999) destacou que os espaços físicos carregam significados simbólicos que distribuem posições e legitimidades. No trabalho doméstico, essa distribuição se manifesta na divisão entre áreas de serviço e áreas de convivência, entre lugares onde a empregada circula livremente e lugares onde sua presença é regulada.

A observação sistematizada, especialmente no Quadro 5 – Categoria (3): Precarização das Relações Afetivas, apontou que o trabalho doméstico remunerado não precariza apenas a organização laboral, mas também as dimensões afetivas e emocionais que sustentam a vida de trabalhadoras, evidenciando que vínculos, maternidade, cuidado e intimidade são profundamente afetados pela estrutura desigual que organiza a casa de empregadores. Essas dimensões confirmam o argumento de Sarti (2004), para quem o cotidiano das famílias

brasileiras é atravessado pela tensão entre laços de afeto e relações de dominação, especialmente no contexto do trabalho doméstico.

Um ponto central identificado nesses resultados, é o distanciamento forçado entre Val e sua filha, ao longo de anos, consequência direta da necessidade econômica de residir na casa dos patrões. Isso corresponde ao fenômeno descrito por Souza (2019) como maternidade fragmentada, no qual mulheres pobres vivenciam um exercício interrompido, terceirizado ou atravessado da maternidade, devido à busca compulsória por renda. A relação entre Val e Jéssica aponta para essa ruptura: apesar da intenção amorosa, a proximidade afetiva foi substituída por uma convivência esporádica, marcada por saudades e desencontros.

Para Biroli (2018), mulheres em situação de vulnerabilidade tendem a 'perder tempo' para si e para suas relações, porque seu tempo é capturado pelo trabalho reprodutivo e pela demanda de outras famílias. O caso de Val confirma essa perda. Sua rotina é absorvida pela manutenção do lar alheio, enquanto sua própria relação maternal se deteriora, em razão da ausência constante na vida de Jéssica.

A precarização afetiva também se manifesta nas interações com a família empregadora. Hirata (2016) defendeu que as relações de cuidado remunerado produzem vínculos ambíguos, pois envolvem intimidade emocional, mas se sustentam em desigualdades profundas. Essa ambiguidade é evidente no vínculo entre Val e Fabinho, que se baseia em afeto genuíno, mas permanece condicionado à estrutura hierárquica que organiza a casa. O afeto existe, mas é um afeto subordinado. Essa condição, segundo Hirata, caracteriza uma relação que pode ser próxima, mas nunca simétrica.

As cenas que mostram Val tentando pedir apoio para a estadia da filha evidenciam outro elemento da precarização afetiva: o silenciamento das demandas pessoais da trabalhadora. Rodrigues (2018) considerou que empregadas domésticas frequentemente têm dificuldade de afirmar necessidades próprias no ambiente de trabalho, pois suas falas são socialmente consideradas menos legítimas. Esse silenciamento aparece quando Val tenta pedir autorização para que a filha permaneça temporariamente na casa dos empregadores, sendo interrompida pela patroa e submetida a uma lógica na qual sua vida pessoal ocupa posição periférica.

A dimensão emocional da precarização é aprofundada, quando observados os conflitos entre mãe e filha. O retorno de Jéssica à vida de Val reabriu feridas produzidas pela ausência prolongada, evidenciando o que Saffioti (1987) descreveu como efeitos subjetivos da dominação. Para essa autora, relações de classe e gênero moldam expectativas emocionais, de modo que mulheres subalternizadas são levadas a aceitar culpas e responsabilidades que não são suas. Val expressou culpa pela distância entre ela e a filha, embora essa distância fosse oriunda do produto estrutural de desigualdades sociais, e não de escolhas individuais.

O trabalho de cuidado, quando realizado em contextos de exploração, conforme assinalado por Federici (2019), compromete a possibilidade de construir vínculos afetivos plenos, pois esgota emocional e fisicamente as mulheres. Os resultados focalizaram que Val dedica energia afetiva intensa ao cuidado da família empregadora, não dispondo de tempo e espaço para exercer plenamente sua maternidade. Esse deslocamento afetivo ilustra o que foi identificado por Federici (2019) como redistribuição desigual do cuidado entre mulheres de classes distintas.

Por fim, os resultados também espelham que a precarização afetiva não deriva apenas da ausência física da mãe, mas também de conflitos simbólicos sobre pertencimento e dignidade. A reação de Val às atitudes de Jéssica, especialmente quando a filha ocupa espaços reservados à família empregadora, revela a internalização de fronteiras sociais que configuram, também, fronteiras emocionais. Bourdieu (1999) salientou que essas fronteiras são incorporadas como disposições duráveis, orientando percepções e afetos. O estranhamento entre mãe e filha, portanto, é também um conflito entre *habitus* distintos, moldados por experiências sociais desiguais.

Em conjunto, os resultados do Quadro 5 – Categoria (3), confirmaram que a precarização das relações afetivas é efeito direto das dinâmicas estruturais do trabalho doméstico remunerado. O filme mostra que a atividade redefine maternidade, afeto e aproximação, produzindo vínculos interrompidos, afetos subordinados e silenciamentos profundos. A literatura de Biroli (2018), Bourdieu (1999), Federici (2019), Hirata (2016), Rodrigues (2018), Saffioti (1987), Sarti (2004) e Souza (2019) ofereceu bases sólidas para compreender que essas rupturas não são exceções individuais, mas parte constitutiva da desigualdade que estrutura o trabalho doméstico no Brasil.

A verificação possibilitada pelos elementos contidos no Quadro 6 – Categoria (4): Desigualdades Social e de Classe salientou que a desigualdade de classe estrutura todas as relações representadas no filme *lócus*, funcionando como fundamento simbólico e material que organiza o cotidiano e define o lugar de cada personagem dentro da casa. Os resultados destacam que a casa dos patrões não é apenas cenário, mas dispositivo que produz e reproduz fronteiras sociais. Essa leitura dialoga diretamente com Bourdieu (1999), quando afirmou que os espaços físicos são também espaços sociais, capazes de expressar hierarquias, distribuir legitimidades e naturalizar posições desiguais.

Tais resultados evidenciam que, ao circular prioritariamente por áreas destinadas ao trabalho, como cozinha, lavanderia, depósitos, quarto confinado e corredores, Val exprime essas desigualdades, já os patrões ocupam os espaços de prestígio, como sala principal, quartos amplos e área de lazer. Essa divisão espacial confirma o que Pereira (2018) denominou arquitetura da desigualdade, na qual o desenho da casa brasileira de classe média e alta incorpora hierarquias históricas, ao separar lugares de convívio e de serviço. A desigualdade, portanto, não é apenas relacional, mas literal, inscrita nas paredes, na disposição dos cômodos e na circulação permitida para cada pessoa.

Outra faceta observada é a desigualdade no acesso aos objetos e aos símbolos de status. Appadurai (1986) ressaltou que objetos possuem biografias sociais e operam como marcadores de diferenciação. No filme, essa dinâmica aparece nas taças suíças reservadas aos convidados da festa, no colchão destinado à filha da empregada, nas louças diferenciadas e nos espaços proibidos ou controlados. Esses elementos reforçam distinções entre o que é da família e o que é permitido à trabalhadora, inserindo Val em um sistema simbólico que limita sua circulação, confunde sua compreensão e regula seu contato com bens materiais.

As desigualdades também organizam as práticas discursivas. Souza (2018), ao analisar hierarquias no Brasil, indicou que a linguagem, o tom de voz e as expectativas de comportamento refletem estruturas de classe, profundamente enraizadas. No filme, nota-se que Val fala baixo, pede licença, hesita ao apresentar demandas e adota postura corporal retraída diante dos patrões. A forma de falar da família empregadora, ao contrário, ocupa espaço, interrompe falas e define prioridades.

Esses contrastes expressam como as desigualdades se apresentam, tanto no corpo quanto na fala e na postura, socialmente legitimando posições assimétricas. Sarti (2004) argumentou que as relações entre empregadores e empregadas no Brasil combinam proximidade cotidiana e distância social, formando o que essa autora chamou de intimidade assimétrica. Essa intimidade aparece na forma como Val é tratada como alguém 'da casa', mas não como alguém que pertence à casa. Ela participa de momentos íntimos da família, mas em posição de serviço. Essa ambiguidade reforça as desigualdades, pois cria a falsa sensação de pessoalidade do vínculo, quando, de fato, se sustenta em relações de poder e dependência.

Os resultados focalizaram, também, desigualdades relacionadas ao alimento e ao ato de sentar-se à mesa. Miller (2010) destacou que o consumo, especialmente no contexto doméstico, é uma forma de demarcar pertencimentos e distinções. No filme, o simples gesto de Jéssica sentar-se sozinha à mesa da cozinha, na qual os patrões fazem refeições rápidas e individualizadas, é percebido como transgressão, pois desafia símbolos que mantêm as fronteiras de classe. De igual modo, o episódio dos sorvetes diferenciados, revela o conflito entre norma e ruptura, indicando que objetos cotidianos também operam como indicadores de quem tem direito ao espaço central da casa.

Outra faceta, ainda, traz a desigualdade educacional. A reação dos patrões ao saberem que Jéssica pretende entrar na FAU-USP, exprime o que Biroli (2018) descreveu como hierarquias sociais controlando o acesso ao futuro. O questionamento sobre as chances da jovem e a surpresa diante de sua ambição revelam expectativas internalizadas de que certos espaços, como universidades públicas de prestígio, não pertencem às filhas das trabalhadoras domésticas. A desigualdade aparece, assim, como mecanismo que regula sonhos, projetos e possibilidades.

Enfim, nessa categoria as desigualdades se manifestam nas justificativas de comportamento. Bourdieu (1999) realçou que as estruturas sociais tornam-se parte do *habitus*, orientando o que é percebido como possível ou aceitável. Val internaliza que seu espaço é o da cozinha e que sua presença na sala deve ser breve, funcional e silenciosa. Quando a filha rompe essa lógica, o conflito emerge não porque há risco real, mas porque as regras implícitas da casa

foram desafiadas. Isso mostra que as desigualdades não se encontram apenas nos patrões que a impõem, mas também nas disposições que moldam as expectativas da própria trabalhadora.

Sumarizando, o Quadro 6 – Categoria (4) relata que a desigualdade social e de classe não é pano de fundo, mas estrutura organizadora da narrativa e das relações no filme. Ela se expressa no espaço, nos objetos, nos comportamentos, nos gestos, nas expectativas e nos afetos. Os resultados confirmam as análises de Appadurai (1986), Biroli (2018), Bourdieu (1999), Miller (2010), Pereira (2018), Sarti (2004) e Souza (2018), indicando que as desigualdades são produzidas cotidianamente, por práticas materiais e simbólicas que naturalizam posições de dominação e subalternização.

Em síntese, esta pesquisa evidenciou que a precarização não se resume a indicadores formais, mas se manifesta nas relações, nos gestos, nos espaços e nas expectativas que moldam o cotidiano das trabalhadoras domésticas. Ao iluminar essas camadas por meio do filme lócus, o estudo reafirma que compreender tais formas de desigualdade é essencial para pensar caminhos de transformação social mais abrangentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi investigar a precarização do trabalho representada no filme *lócus* ‘Que Horas Ela Volta?’. Esse objetivo foi alcançado, ao reconhecer que a narrativa cinematográfica oferece uma radiografia sensível e detalhada, de como desigualdades de classe, gênero e afeto organizam o cotidiano de Val. O resgate desse objetivo evidencia que esse *lócus* não apenas retrata uma história individual, mas opera como uma síntese de estruturas históricas que seguem produzindo vulnerabilidades.

A análise e discussão desse filme revelou um conjunto de fatores socioeconômicos e estruturais que sustentam a precarização, não apenas como ausência de direitos ou de reconhecimento formal, mas como uma trama de pequenas violências cotidianas, de silenciamentos e de expectativas internalizadas que moldam o agir e o sentir da personagem principal, Val. As relações de poder e de classe foram identificadas, não somente nas falas e conflitos diretos, mas nos gestos interrompidos, nos olhares desviados e na distribuição desigual dos espaços da casa, evidenciando como a dominação opera também no plano do sensível. As linguagens fílmicas analisadas mostraram-se centrais para tornar visíveis essas camadas, permitindo compreender como enquadramentos, composições espaciais, iluminação e objetos de cena funcionam como operadores simbólicos que materializam as assimetrias do trabalho doméstico.

As contribuições deste estudo para a academia vão além de reiterar a utilidade de filmes como *lócus*. A pesquisa mostra que a análise fílmica, quando conduzida de forma sistemática e articulada a categorias sociais, não é apenas ilustrativa: ela se torna produtora de conhecimento. Ao examinar detalhes como a separação entre o quarto de Val e o resto da casa, o modo como os símbolos de pertencimento são distribuídos, ou como a presença de Jéssica tenciona fronteiras aparentemente estáveis, o trabalho oferece ao campo acadêmico um exemplo concreto de como linguagens artísticas podem revelar dimensões estruturais, que outros *lócus* dificilmente captariam.

No mercado de trabalho, especialmente em setores associados ao cuidado, ao serviço doméstico e à gestão de equipes, está pesquisa oferece *insights* que ultrapassam a discussão normativa sobre condições dignas. Ao mostrar como a precarização se expressa em aspectos

simbólicos, emocionais e espaciais, este estudo evidencia que ambientes de trabalho marcados por assimetrias podem produzir desgaste psicológico, erosão da autonomia e sensação contínua de vigilância. A partir disso, gestores e profissionais podem reconhecer que precarizações/desigualdades não são apenas resultantes de contratos frágeis, mas também de práticas cotidianas que comunicam quem tem valor, quem pode circular e quem deve ser permanente observador. Essa perspectiva contribui para reflexões mais profundas sobre organização social do trabalho, hierarquias afetivas e limites entre profissionalismo e amizade em contextos laborais.

Para a comunidade científica, esta pesquisa mostra também, que compreender a precarização exige olhar para o trabalho doméstico como fonte de disputa política. Ao tratar o ambiente doméstico não como cenário neutro, mas como estrutura que delimita possibilidades de ação, este estudo reforça a importância de incorporar dimensões subjetivas, afetivas e espaciais às investigações sobre trabalho. Assim, este trabalho pode vir a contribuir para uma agenda científica que conecta materialidade e simbolismo, ampliando o horizonte das pesquisas sobre desigualdade no Brasil contemporâneo.

As sugestões para futuras pesquisas incluem a realização de análises comparativas com outras obras cinematográficas que retratam o trabalho doméstico ou relações de cuidado em diferentes contextos sociais; estudos que investiguem a influência de políticas públicas no cotidiano dessas trabalhadoras, bem como pesquisas sobre mobilidade social, afetos e trajetórias intergeracionais. Outras agendas possíveis envolvem examinar, de forma interdisciplinar, como espaços domésticos funcionam como dispositivos de controle ou de emancipação, articulando filme, sociologia, psicologia e estudos do trabalho.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **A indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: um novo proletariado de serviços na era digita**l. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, R. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serviço Social & Sociedade**, n. 70, 2002.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a nova divisão do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2009.

APPADURAI, A. ***The social life of things: commodities in cultural perspective***. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2018.

BRITES, J. **Serviço doméstico, desigualdade, gênero e cidadania.** In: WOLF, C. S., DE FAVERI & RAMOS, T. R. O. **Leituras em rede: gênero e preconceito** (pp. 391-414). Florianópolis: Editora das Mulheres, 2007.

BORDWELL, D. & THOMPSON, K. **Film art: an introduction**. 10. ed. New York: McGraw-Hill, 2013.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 1998.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAMARANO, A. A. & PINHEIRO, L. (orgs.). **Cuidar, verbo transitivo: políticas, arranjos e inovações no Brasil contemporâneo**. Brasília: IPEA, 2023.

CASTEL, R. **A insegurança social: como a vulnerabilidade nas sociedades contemporâneas produz a exclusão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DA SILVA, J. C. & LEITE, N. R. P. O trabalho doméstico e suas interlocuções: um estudo não metafórico/metafórico. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais – RBEO**, v. 10, n. 2, pp. 289-319, 2023.

ESPINAL, J. G. **Por um cinema imperfeito**. Revista Cine Cubano, Havana, 1976

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GIORGI, A. **The descriptive phenomenological method in psychology: a modified Husserlian approach. Pittsburgh**: Duquesne University Press, 2009.

GULLANE, F.; GULLANE, C.; IVANOV, D.; & MUYLAERT, A. (Produtores); & MUYLAERT, A. (Diretora). Que horas ela volta? [Filme]. Brasil: Videofilmes, 2015.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e transversalidade nas dinâmicas do trabalho de cuidado. **Cadernos Pagu**, n. 47, 2016.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.** Lisboa: Edições 70, 1931.

HOCHSCHILD, A. R. ***The managed heart: commercialization of human feeling***. Berkeley: University of California Press, 1983.

KOFES, S. **Mulher, mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas domésticas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

LEITE, N. R. P. & LEITE, F. P. Protocolo de observações para o processo de coleta e análise de dados oriundos de filmes comerciais, sob a égide dos estudos observacionais no processo de ensino-aprendizagem e pesquisa em Administração. **Produção Técnica**, 2012.

LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P.; NISHIMURA, A. T.; DA SILVA, M. A. B. & DOS SANTOS, E. G. Análise fílmica em pesquisas em administração: sabendo o porquê e como utilizá-la**. Revista Gestão & Regionalidade**, v. 37, n. 112, 2021.

LEITE, N. R. P.; NISHIMURA, A. T.; DA SILVA, M. A. B. & DOS SANTOS, E. G. **Análise fílmica em Administração: dos processos de insipiência e incipiência até as elucidações em seus aspectos conceituais, metodológicos e de aplicação**. Recife: Instituto de Formação Humana, 2022. Edição Kindle.

MICHALISZYN, M. S. & TOMASINI, R. **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MILLER, D. **Stuff** : Polity Press, 2010.

MOREIRA, D. A. Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico. **Revista de Administração e Inovação**, v. 1, n. 1, p. 5–19, 2004.

PEREIRA, A. A. **A elite do atraso urbano: arquitetura da desigualdade no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Annablume, 2018.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001.

SABINO, A. M. & ABÍLIO, L. C. Uberização: o empreendedorismo como novo nome para a exploração. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, v. 2, n. 2, pp.109-135, 2019.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 1987.

SARTI, C. A. Família e individualização: novos tempos, velhas tensões. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 66, 2004.

SOUZA, J. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

TAVARES, M. A. **Trabalho doméstico remunerado: questões conceituais e políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2014.

TAVARES, M. J. **Trabalho doméstico no Brasil: gênero e precarização**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2013.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2012.

WEBER, Max. **Economy and society: an outline of interpretive sociology.** Berkeley: University of California Press, 1978.

ZANELLA, A. L. **Metodologia de pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (ANEXO)

Este anexo contém instrumento de coleta de dados utilizado neste estudo, com base nas diretrizes metodológicas propostas por Leite e Leite (2012).

Instrumento de Coleta de Dados Estudo Observacional em Análise Fílmica Protocolo de Observações para Registro da Coleta							
Filme Analisado:							
Cena N.º	**Tempo**	**Descrição**	**Estudo Observacional***	**Principal Fonte de Observação**	**Tempo Investido com Microanálise**	**Linguagens Fílmicas**	**Construto(s) Identificado(s)**
Tempo Total de Duração Filme =			**Tempo Total de Coleta de Dados =**				
Total de Cenas do Filme =			**Total de Cenas Selecionadas para o Estudo =**				
Estudo Observacional*: Dados Diretamente e/ou Indiretamente Observáveis							

Fonte: Trabalho Técnico desenvolvido por Leite, N. R. P e Leite, F. P. (2012)
Revisado por Leite, *et al*. (2022).